



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Amanda Freiburger Miranda

**A expressão das evidencialidades reportativa e citativa no discurso
jornalístico**

São José do Rio Preto
2021

Amanda Freiburger Miranda

**A expressão das evidencialidades reportativa e citativa no discurso
jornalístico**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Marize Mattos Dall’Aglio-Hattnher

São José do Rio Preto
2021

M672e Miranda, Amanda Freiberger
A expressão das evidencialidades reportativa e citativa no discurso
jornalístico / Amanda Freiberger Miranda. -- São José do Rio Preto,
2021
93 f. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto
Orientadora: Marize Mattos Dall'Aglio Hattnher

1. Linguística. 2. Funcionalismo. 3. Língua Portuguesa. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Amanda Freiburger Miranda

**A expressão das evidencialidades reportativa e citativa no discurso
jornalístico**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglio Hattner
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
Universidade Federal de São Carlos

Prof^a. Dr^a. Anna Flora Brunelli
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
21 de dezembro de 2020

AGRADECIMENTOS

À Marize, por, desde meu primeiro ano de graduação e pesquisa, ter sido minha orientadora, conselheira, amiga, mãe, guiando-me ao longo dessa trajetória com sua imensa sabedoria sobre os fenômenos linguísticos e sobre a vida.

À UNESP e aos seus funcionários, por oferecerem a infraestrutura necessária para que esta pesquisa fosse realizada. E, especialmente, aos meus professores, por me abrirem as portas para novos caminhos.

Aos professores Sebastião Carlos Leite Gonçalves e Anna Flora Brunelli, pelas preciosas sugestões durante o exame de qualificação.

Às professoras Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale e Anna Flora Brunelli, por aceitarem compor a banca de avaliação desta dissertação.

Às amigas que fiz durante o mestrado, Ana, João Lucas, Jaqueline e Fábio, por trazerem mais leveza aos meus dias.

À Monielly e ao Vítor, pela amizade, pelo apoio e pelas diversas contribuições ao longo desta pesquisa, com leituras pacientes e comentários construtivos.

À Bia, por ser a melhor amiga que alguém poderia ter, comemorando comigo cada conquista e me dando força no dia a dia. E à Ana Olivia, pelo apoio incondicional durante a reta final. Agradeço também às duas por sempre acreditarem em mim mais do que eu mesma.

Aos meus irmãos, Cezinha e Dani, por todo apoio. E aos meus pais, Cezar, por sempre apostar em mim e por garantir a minha permanência em Rio Preto nessa etapa, e à minha mãe, Rosane, por entender cada estágio da minha vida, sempre oferecendo conforto e uma palavra encorajadora que me dava energia para continuar.

A todos, obrigada!

RESUMO

A evidencialidade é a categoria responsável por expressar a fonte da informação veiculada em um enunciado. Neste trabalho, são analisados os subtipos evidenciais reportatividade e citação, que apresentam uma informação adquirida de terceiros, diferenciando-se entre si na forma de transmitir tal informação. A distinção entre reportatividade e citação foi verificada em estudos sobre línguas que marcam a categoria gramaticalmente, atestando a sua sistematicidade. Sendo assim, interessa a este trabalho investigar como essas categorias se manifestam no português brasileiro, língua em que a expressão da evidencialidade é majoritariamente lexical, buscando identificar as diferenças pragmáticas, semânticas e morfossintáticas decorrentes de cada uso. Para tanto, partimos da classificação dos subtipos evidenciais feita com base na Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que viabiliza a descrição dos fenômenos linguísticos a partir da consideração de uma ordem hierárquica dos níveis de organização do enunciado, em que a pragmática exerce determinações sobre todos os demais níveis. É justamente a possibilidade de considerar a influência da intenção comunicativa sobre a expressão linguística que torna esse modelo adequado para a caracterização de enunciados reportativos e citativos no discurso jornalístico do jornal *online Folha de São Paulo*, textos em que a fonte da informação aparece regularmente expressa. Para verificar os diferentes efeitos de sentidos decorrentes desses usos, foram recolhidas publicações de três seções diferentes do jornal, havendo diversidade de gênero e de foco temático. A hipótese investigada é a de que, nas línguas com expressão lexical da reportatividade e da citação, a diversidade de funções dessa categoria interpessoal se expressa sistematicamente na sua morfossintaxe. As ocorrências reportativas e citativas são analisadas segundo critérios pragmáticos (atenuação, asseveração ou ausência de marcas do falante original, des/comprometimento do enunciador, tipo de discurso, determinação da fonte), semânticos (tipo de verbo elocutivo, tempo e modo do verbo evidencial e do conteúdo relatado) e morfossintáticos (forma de expressão do evidencial e posição). Os resultados apontam a existência de diferenças sistêmicas na expressão lexical das subcategorias evidenciais de reportatividade e citação na língua portuguesa, comprovadas por meio de suas características pragmáticas, semânticas e morfossintáticas, e pelos diferentes efeitos de sentido gerados nas diferentes seções do jornal *Folha de São Paulo*.

Palavras-chave: Evidencialidade reportativa. Evidencialidade citativa. Discurso jornalístico.

ABSTRACT

Evidentiality is the category responsible for expressing the source of information conveyed in an utterance. In this work, we analyze the evidential subtypes reportativity and quotation, which present information acquired from third parties, differentiating themselves in the way of transmitting such information. The distinction between reportativity and quotation was verified in studies on languages that grammatically mark the category, attesting to its systematicity. Therefore, this study intends to investigate how these categories are manifested in Brazilian Portuguese, a language in which the expression of evidentiality is mostly lexical, verifying which are the forms of expression of the categories and which are the pragmatic, semantic and morphosyntactic differences resulting from each use. For this purpose, we use the classification of the evidential subtypes based on the Functional Discourse Grammar (FDG), which allows the description of linguistic phenomena from the consideration of a hierarchical order of the utterance organization levels, in which the pragmatics exercises determinations over all other levels. It is precisely the possibility of considering an influence of the communicative intention on the linguistic expression that makes this model suitable for the characterization of reportative and quotative utterances in the journalistic discourse of the online newspaper *Folha de São Paulo*, that comprises texts in which the source of the information appears regularly expressed. In order to verify the different meanings that arise from those uses, publications were collected from three different newspaper sections, with diversity of genre and thematic focus. The hypothesis underlying this work is that, in languages with a lexical expression of reportativity and quotation, the diversity of functions of this interpersonal category is systematically expressed in its morphosyntax. In order to confirm that, the reportative and quotative occurrences are analyzed according to pragmatic criteria (attenuation, assertion or absence of marks from the original speaker, disenchantment of the speaker, type of speech, determination of the source), semantics (type of speech verb, tense and mood of the evidential verb and the reported content) and morphosyntactic (form of expression of the evidential and position). The results point to the existence of systemic differences in the lexical expression of the evidential subcategories of reportativity and quotation in Portuguese, proven through their pragmatic, semantic and morphosyntactic characteristics, and through the different meanings generated in the different publications from that newspaper.

Keywords: Reportative evidentiality. Quotative evidentiality. Journalistic discourse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal	20
Figura 2 – Esquema Geral da GDF	21
Quadro 1 – Classificação de Chaparro para os gêneros de jornal	39
Quadro 2 – Gêneros relacionados ao jornal nos manuais de estilo, nos dicionários de comunicação e na literatura acadêmica da área de comunicação.....	40
Quadro 3 – Tipos de fonte	46
Quadro 4 – Tipos de verbos de elocução.....	47
Quadro 5 – Tipos de verbos de elocução encontrados no corpus.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Total de ocorrências de reportativos e citativos no cópús por seção.....	52
Tabela 2 – Total de evidenciais em cada seção	54
Tabela 3 – Tipo de discurso por seção	57
Tabela 4 – Tipo de evidencial com tipo de fonte	60
Tabela 5 – Tipo de fonte por seção.....	60
Tabela 6 – Qualificação da fonte definida com tipo de evidencial	62
Tabela 7 – Seção com qualificação da fonte	63
Tabela 8 – Semântica do verbo evidencial	66
Tabela 9 – Verbos de elocução ou que pela polissemia funcionam como verbos elocutivos	68
Tabela 10 – Tempo do verbo evidencial	70
Tabela 11 – Tempo do verbo evidencial por seção	71
Tabela 12 – Tempo oração encaixada	73
Tabela 13 – Tempo da oração reportada por seção	75
Tabela 14 – Relação do tempo do evidencial com os tempos dos verbos reportados	75
Tabela 15 – Forma de expressão de cada evidencial.....	78
Tabela 16 – Posição do verbo e do conectivo evidencial	80
Tabela 17 – Posição de cada tipo evidencial	81
Tabela 18 – Quantidade de orações relatadas.....	83
Tabela 19 – Tempo do evidencial e número de orações reportadas.....	85
Tabela 20 – Tempo da primeira oração do conteúdo reportado e número de orações relatadas.....	85

LISTA DE ABREVIATURAS

2 = segunda pessoa

3 = terceira pessoa

ACC = acusativo

DED = dedução

IMP = imperativo

IND = indicativo

INFER = inferência

PL = plural

PLS = sujeito plural

PRES = presente

PST = tempo passado

QUOT = citativo

REP = reportativo

SG = singular

VIS = visual

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A EVIDENCIALIDADE E SEUS SUBTIPOS	16
2.1 Breve histórico dos estudos sobre evidencialidade e seus subtipos.....	16
2.2 A evidencialidade na Gramática Discursivo-Funcional.....	19
2.3 A evidencialidade reportativa e a evidencialidade citativa.....	28
3 A FONTE DA INFORMAÇÃO NO DISCURSO JORNALÍSTICO	32
3.1 Caracterização do discurso jornalístico	32
3.2 O uso da evidencialidade no campo jornalístico	35
3.3 Diferentes gêneros do discurso jornalístico	36
4 UNIVERSO DE PESQUISA E METODOLOGIA	42
4.1 Composição do corpus	42
4.2 Critérios de análise	43
4.2.1 Critérios pragmáticos.....	43
4.2.2 Critérios semânticos	47
4.2.3 Critérios morfossintáticos.....	49
5 USOS DA EVIDENCIALIDADE REPORTATIVA E CITATIVA NO DISCURSO JORNALÍSTICO.....	52
5.1 A distribuição dos evidenciais no corpus.....	52
5.2 O comportamento dos evidenciais na amostra	56
5.2.1 Critérios pragmáticos.....	56
5.2.2. Critérios semânticos	65
5.2.3 Critérios morfossintáticos.....	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	91

1 INTRODUÇÃO

A evidencialidade é uma categoria linguística que indica a fonte da informação veiculada pelo enunciado. Essa categoria pode ser expressa de forma gramatical ou lexical em diferentes línguas. Na língua portuguesa, a evidencialidade é expressa majoritariamente pela forma lexical, por meio de verbos de dizer (fulano disse/afirmou/falou etc.) ou locuções evidenciais (segundo fulano, de acordo com fulano etc.). De acordo com Aikhenvald (2004), a função da evidencialidade é explicitar como o falante adquiriu uma informação e como ele caracteriza a origem do conhecimento que está expressando.

Essa categoria é subcategorizada de diferentes formas. Os primeiros trabalhos publicados sobre o tema, como a coletânea organizada por Chafe e Nichols (1986) ou o volume especial da revista *Pragmatics* organizado por Dendale e Tasmowskia (2001), já mostram a diversidade de critérios utilizados para tipificar a evidencialidade. Na maior parte dos trabalhos, o modo como o falante obteve a informação é o critério para a separação entre evidencialidade direta ou indireta, como propôs Willet (1988). Em outros trabalhos, o critério para a subcategorização da evidencialidade é o tipo de fonte da informação veiculada, o falante ou uma outra fonte, definida ou indefinida, diferente do falante.

Neste trabalho, adotamos as subcategorizações propostas por Hengeveld e Hattnher (2015) e Hengeveld e Fischer (2018). Esses autores utilizam, como suporte teórico para o estudo da evidencialidade, a Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), modelo que permite que se classifiquem as diferentes categorias qualificacionais da língua de acordo com o nível e a camada em que atuam. No caso específico da evidencialidade, o modelo identifica os dois subtipos evidenciais que serão abordados nessa pesquisa, a reportatividade e a citação, que atuam no Nível Interpessoal das relações pragmáticas. Além desses dois tipos, o modelo ainda identifica a inferência, a dedução e a percepção de evento, outros subtipos evidenciais que atuam no Nível Representacional das relações semânticas e que não serão tratados neste trabalho. Assim, a principal razão para a adoção desta subcategorização reside no fato de o modelo não só separar evidenciais que têm por escopo unidades do nível pragmático de evidenciais que têm por escopo unidades do nível semântico, mas, principalmente, no fato de o modelo permitir a distinção entre dois subtipos pragmáticos.

Tanto a reportatividade como a citação têm como fonte do saber transmitido um outro falante, e diferenciam-se entre si pela forma de expressar esse conteúdo, sendo a reportatividade preferencialmente expressa pelo discurso indireto, enquanto a citação é expressa pelo discurso direto. As possíveis variações de expressão serão mostradas posteriormente em nossa análise, mas é importante destacar que essas duas formas de indicação da fonte da informação são responsáveis por diferentes graus de credibilidade sobre o conteúdo comunicado, e é exatamente esse efeito de sentido que interessa a esta pesquisa, que investiga a evidencialidade reportativa e a citativa presentes em seções do jornal *Folha de São Paulo*, buscando verificar em que medida os graus de credibilidade e adesão que decorrem do seu uso estão associados a características formais desses subtipos.

Os evidenciais que expressam uma informação adquirida por terceiros são os subtipos de evidencialidade mais comumente encontrado nas línguas (AIKHENVALD, 2004; DE HAAN, 1999). Por essa razão, têm sido uma categoria amplamente estudada nas línguas em que sua expressão é gramatical. Sendo assim, um primeiro questionamento direciona esta pesquisa: a diferença entre o reportativo e o citativo é encontrada em línguas que marcam a categoria lexicalmente, como o português, assim como ocorre nas línguas com expressão gramatical da evidencialidade?

Essa discussão origina-se do posicionamento assumido por Aikhenvald (2004), que considera a expressão do que se tem “vagamente” chamado de evidencialidade lexical como um tipo de “estratégia evidencial”, dada a sua assistemática. Ainda hoje não há consenso na literatura se a evidencialidade lexical deve ou não ser considerada uma forma de expressão da categoria. Squartini (2008), analisando evidenciais da língua francesa e italiana, também se propôs a verificar a relevância da evidencialidade lexical, comparando usos lexicais com o que se conhece sobre a evidencialidade gramatical. Entretanto, diferentemente do que propomos aqui, o autor focou sua análise nos evidenciais inferenciais, concluindo que a expressão lexical vai além de “estratégias evidenciais” e que seu estudo é pertinente para o melhor entendimento da categoria da evidencialidade. Recentemente diversos trabalhos foram realizados sobre evidenciais marcados lexicalmente em língua portuguesa (cf. CASSEB-GALVÃO, 2011; VENDRAME-FERRARI, 2010; LOURENÇO; HIRATA-VALE, 2015; KAPP-BARBOZA, 2017). Embora esses trabalhos não tenham como foco a discussão da validade da expressão lexical da categoria, ao entender essa forma de expressão como

evidencial e fazer uma análise desses usos, esses trabalhos comprovam a relevância da marcação lexical.

Assim, admitindo que a expressão lexical também é uma forma de expressão da evidencialidade, analisamos os usos da reportatividade e da citação no português brasileiro. Como mencionado, utilizamos como ferramenta de identificação desses subtipos a distinção proposta por Hengeveld e Hattnher (2015) e Hengeveld e Fischer (2018), que é baseada na Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Desse modo, a Gramática Discursivo-Funcional, doravante GDF, será brevemente apresentada no capítulo seguinte, para que se possa elucidar o critério de distinção dos subtipos evidenciais utilizado neste trabalho. Por ora, para justificar a pertinência e o alcance desta investigação, basta que sejam apontadas algumas diferenças entre esses subtipos. Para tanto, tomemos as ocorrências (1) e (2) abaixo:

- (1) "Precisávamos dar vazão à demanda", **diz** a endocrinologista Eliziane Leite, que coordena o centro. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (2) A gestão municipal **afirma** que o repasse não tem relação com o pedido de abertura de CPI. (FSP – *Poder*)

Considerando a definição de Hengeveld e Fischer (2018) para os subtipos evidenciais, temos, em (1), um exemplo de citação, em que o falante reproduz a totalidade da fala da fonte, com uma encenação de reprodução exata daquele enunciado, sem alterações do centro dêitico. Já em (2), temos um exemplo de reportatividade, em que o falante transmite apenas o conteúdo da mensagem da fonte, fazendo adaptações nesse enunciado.

A configuração da citação e da reportatividade é responsável por diferentes efeitos de sentido na construção da argumentação, podendo servir tanto ao aumento da credibilidade da informação transmitida quanto ao efeito de descomprometimento do falante com a informação veiculada, conforme pretendemos demonstrar na análise do uso desses subtipos evidenciais presentes no corpus.

Tendo em vista que a distinção entre esses dois subtipos evidenciais foi estabelecida a partir da análise de línguas em que essa categoria é expressa gramaticalmente, a hipótese a ser investigada é a de que a expressão lexical da evidencialidade em língua portuguesa também obedece a padrões morfosintáticos que nos permitem identificar os mesmos subtipos de reportatividade e citação. Em última

instância, pretendemos demonstrar que esses diferentes efeitos de sentidos também são marcados morfossintaticamente.

Para comprovar essa hipótese, investigamos as formas de expressão lexical da evidencialidade reportativa e citativa na língua portuguesa, nos moldes do estudo desenvolvido por Hengeveld e Hattner (2015) e Hengeveld e Fischer (2018) para as línguas com expressão gramatical dessa categoria.

Analisamos então os usos das categorias no jornal online *Folha de São Paulo*, com o intuito de verificar a sistematicidade dessa distinção. Para termos uma melhor visão dos efeitos de sentidos que podem ser gerados, optamos por verificar esse uso em três seções do jornal: em *Poder*, em *Equilíbrio e Saúde* e em *Colunas*. Ao escolher essas diferentes seções, esperamos associar os efeitos de sentido gerados pelo emprego de cada evidencial às variações da forma, como, por exemplo, o uso de uma fonte definida ou indefinida, de uma informação de domínio comum ou apenas do falante ou de uma forma de discurso direto ou indireto, entre outras distinções.

Um dos argumentos para justificar a pertinência do estudo da expressão lexical da evidencialidade no português pode ser identificado em um uso bastante corriqueiro no discurso jornalístico, em que um conteúdo comunicado é atribuído a uma fonte, como é típico da reportatividade e da citação, embora essa fonte não seja definida, como se vê nas seguintes ocorrências:

- (3) Em zigue-zague, um camburão impedia que os motoristas ultrapassassem o comboio, enquanto um policial **gritava** "saia da célula". (FSP – *Poder*)
- (4) Especialistas **dizem que** o distritão irá favorecer políticos mais conhecidos e com mais recursos para fazer campanha. (FSP – *Poder*)

Nesses casos, é apenas a estrutura reportativa e citativa que empresta credibilidade ou descomprometimento para o enunciador, uma vez que, semanticamente, não há indicação exata de quem é essa fonte. Ou seja, tanto o falante como o ouvinte identificam uma estrutura lexical evidencial, em que um SN ocupa o lugar da fonte, e os efeitos de sentido dela decorrentes, mesmo quando esse SN é parcialmente indefinido e remete a uma fonte absolutamente vaga, como nos exemplos acima. Nesses casos, o falante sabe quem é a fonte, mas não acha necessário expressar essa fonte como determinada para o leitor, sendo suficiente apenas transmitir aquele conteúdo. Usos como esse demonstram a relevância da indicação da evidencialidade na construção da argumentação no texto jornalístico. Mais ainda, esses usos demonstram que a expressão lexical da

evidencialidade é recorrente em língua portuguesa, a ponto de ter sua estrutura percebida pelos interlocutores como estratégia argumentativa.

O uso argumentativo da evidencialidade já foi analisado, do ponto de vista discursivo, por Fossey (2006), em sua dissertação de mestrado, em que a autora, utilizando como aparato teórico a Análise do Discurso francesa, analisa a forma como é feita a divulgação científica nas revistas *Pesquisa Fapesp* e *Superinteressante*, e, nessa análise, identifica as diferentes formas de emergência do que ela chama de discurso relatado. Por sua vez, a funcionalidade da evidencialidade no discurso jornalístico, também já foi analisada em diversos trabalhos, como Lourenço e Hirata-Vale (2015), Vidal; Prata e Silva (2018), Ruskan (2017), entre outros. Entretanto, nesses trabalhos, foram analisadas as ocorrências de todos os subtipos evidenciais, enquanto nosso trabalho restringe a análise aos subtipos reportativo e citativo, pois, até então, esses subtipos estavam sendo analisados como pertencentes a um único subtipo, o *relatado* ou *hearsay*. Propomos, então, uma avaliação dos diferentes efeitos de sentido da reportatividade e da citação, buscando comprovar a relevância dessa distinção.

Acreditando que a intencionalidade pragmática determina as estruturas dos enunciados, em consonância com os princípios funcionalistas pressupostos que norteiam esta pesquisa, interessa-nos investigar quais os diferentes efeitos de sentidos decorrentes de cada subtipo evidencial em cada seção analisada e como essas diferenças variam do ponto de vista semântico e morfossintático e em que medida essas estruturas revelam o grau de comprometimento do falante.

Para tanto, apresentamos, no Capítulo II, uma visão geral da evidencialidade na literatura, uma apresentação da Gramática Discursivo-Funcional e um aprofundamento dos subtipos evidenciais que interessam a essa pesquisa: reportatividade e citação; no Capítulo III, discutimos o papel da fonte da informação no discurso jornalístico, para que se possa entender como os evidenciais são usados para fortalecer a argumentação. No Capítulo IV, são mostrados a composição do corpus e os critérios utilizados para a análise das ocorrências, para então, no Capítulo V, descrevermos o comportamento da reportatividade e da citação. Por fim, as considerações finais trazem os resultados obtidos nesta pesquisa.

2 A EVIDENCIALIDADE E SEUS SUBTIPOS

2.1 Breve histórico dos estudos sobre evidencialidade e seus subtipos

Como já apontado na Introdução deste trabalho, a evidencialidade é a categoria responsável por expressar a fonte da informação veiculada em um enunciado. Na literatura linguística, a evidencialidade é tratada a partir de diversas perspectivas, segundo definições e delimitações variadas, como pode ser notado na obra fundamental sobre o tema, publicada por Chafe e Nichols (1986). Neste livro, que reúne os trabalhos apresentados durante a primeira conferência sobre evidencialidade, realizada em Berkeley em 1981, a evidencialidade é analisada em diversas línguas ao redor do mundo a partir de diferentes abordagens teóricas. Vinte anos depois, em 2001, a riqueza do tema continuou despertando interesse, como se vê na publicação de um volume inteiro da revista *Journal of Pragmatics* dedicado à evidencialidade, tratada sob diferentes abordagens e focos.

Um dos trabalhos fundamentais para a descrição da evidencialidade foi feito por Aikhenvald (2004), que analisa a forma e a função da evidencialidade gramatical em mais de 500 línguas de diferentes regiões do mundo. A sistematização dos seus achados tem norteado diversos trabalhos posteriores. A evidencialidade é entendida, nessa obra, como a forma pela qual o enunciador adquire a informação, sem necessariamente envolver o grau de certeza ou verdade do enunciado. Assim, discordando de Palmer (1986) e Willet (1988), que consideram a evidencialidade um tipo de modalidade epistêmica, Aikhenvald (2004) entende essas duas categorias como distintas, bem como de Haan (1999), Cornillie (2007) e Hengeveld e Hattnher (2015).

De Haan (1999) defende que, embora sejam comumente confundidas, uma vez que ambas as categorias lidam com evidências, a evidencialidade e a modalidade epistêmica se distinguem na forma como utilizam essas evidências, sendo a modalidade epistêmica responsável pela avaliação da evidência e a evidencialidade, pela especificação da fonte da evidência. O autor defende que as duas categorias são distintas e que, embora em algumas línguas elas se superponham, essa sobreposição não é universal.

Segundo Aikhenvald (2004), a evidencialidade pode ser expressa de diferentes formas em diferentes línguas. Algumas línguas expressam esse valor com o uso de afixos,

outras têm a marcação fundida com outra categoria. Existem ainda línguas em que a falta de marcação evidencial gera um enunciado agramatical. Já nas línguas europeias, a marcação da categoria é feita lexicalmente na maioria dos casos, e seu uso é opcional. Na visão da autora, a expressão lexical não é considerada um “evidencial verdadeiro”, mas é uma “estratégia evidencial”, entendida como “categorias e formas que adquirem significados secundários de algum modo relacionados com a fonte da informação” (AIKHENVALD, 2004, p.106).¹ Embora essas formas sejam frequentes em muitas línguas, o caráter opcional da expressão lexical da evidencialidade tem levado muitos autores a excluírem essas formas de seus estudos. Por essa razão, o conjunto de informações sobre sua expressão lexical é ainda incipiente, se contrastado com a extensa análise de línguas consideradas “exóticas”, que fazem marcação gramatical da categoria.

Como mencionado, os tipos de evidencialidade são divididos de diferentes formas, por diferentes autores. Na base da maioria das propostas de identificação dos subtipos evidenciais está a divisão entre evidencialidade direta e indireta sugerida por Willet (1988). Em sua categorização, o autor considera o papel do enunciador como fundamental para identificar os subtipos evidenciais: por meio da evidencialidade direta, o enunciador se declara fonte do saber transmitido, enquanto, por meio da evidencialidade indireta, o enunciador chega à informação transmitida por inferência (evidencialidade inferida) ou por relato de outra fonte (evidencialidade relatada).

Willet (1988) ainda subdividiu a evidência indireta relatada em três tipos: i) evidência de segunda mão, quando a informação foi relatada por uma testemunha direta, ii) evidência de terceira mão, quando a informação não foi relatada por uma testemunha direta, podendo ser um boato, e iii) mito, que pode ser entendido como uma informação que está no domínio público, uma história consagrada. O autor também propôs uma subdivisão da evidência inferida em inferência de resultado, quando o falante infere o que está informando a partir de evidências observáveis, e inferência de raciocínio, quando o falante infere o que está sendo informado a partir de sua intuição, de sua lógica ou de experiências anteriores.

Já Aikhenvald (2004) distinguiu semanticamente os evidenciais em seis subtipos: i) evidência *visual*, em que expressa uma informação adquirida por meio da visão; ii) evidência *sensorial não visual*, que expressa uma informação adquirida por outros meios sensoriais: audição, olfato, paladar ou tato; iii) *inferência*, que marca a informação

¹ No original: *categories and forms which acquire secondary meanings somehow related with information source.* (AIKHENVALD, 2004, p.106)

comunicada como o resultado de um cálculo mental a que o falante chega após ver ou ouvir algo; iv) *suposição* que marca a informação transmitida também como o resultado de um cálculo mental que o falante realiza, mas, nesse caso, não baseado em resultados visíveis, podendo o cálculo basear-se em raciocínio lógico, suposição, ou simplesmente conhecimento geral; v) evidência relatada, que expressa uma informação adquirida por terceiros, sem especificação da fonte; e vi) evidência citativa, que expressa uma informação adquirida por terceiros com especificação da fonte.

De Haan (1998) e Plungian (2010) também consideram a distinção feita por Willet (1988) entre evidência direta e indireta ao sugerirem suas propostas de classificação para os evidenciais. De Haan (1998) entende que evidências diretas podem ser visuais ou não visuais, e as evidências indiretas podem ser inferenciais ou citativas. Plungian (2010), no entanto, propõe uma nova diferenciação entre evidência ‘pessoal’ (*personal*) e ‘não pessoal’ (*non-personal*). Com a evidência pessoal, o falante é a fonte da informação, já com a evidência não pessoal, a origem da informação é outro falante. Todos os casos de evidência direta são obrigatoriamente pessoais nessa classificação; as evidências indiretas, entretanto, podem ser pessoais ou não pessoais. O que Willet (1988) classifica como inferência, na classificação de Plungian (2010), expressa uma informação original do falante, mas que não foi percebida de forma direta, como se vê no exemplo retirado de Plungian (2010, p. 30):

(5) O vizinho já está em casa.²

Nesse exemplo, o falante é a fonte da informação, mas não a obteve de forma direta, ou seja, o falante não viu ou ouviu o vizinho diretamente, mas pode ter visto uma luz acesa na casa, o que o levou a inferir que o vizinho já havia chegado. Nesse caso, temos uma evidência pessoal, pois o próprio falante é a fonte da informação transmitida, mas indireta, pois o falante não viu de forma direta o vizinho em sua casa.

Essa distinção entre evidencialidade direta e indireta é abandonada por Hengeveld e Hattnher (2015), que consideram como essencial para a constituição do sistema evidencial a distinção entre os níveis pragmático ou semântico de atuação da evidencialidade. Utilizando o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld e Mackenzie, 2008), que prevê uma organização em níveis e camadas hierárquicas para a estrutura do enunciado, Hengeveld e Hattnher (2015) definiram quatro

² “The neighbor is already at home”

subtipos a partir do escopo dos itens evidenciais: evidencialidade reportativa, inferência, dedução e percepção de evento.

Na proposta de Hengeveld e Hattnher (2015), a distinção essencial deixa de ser a diferença entre evidencialidade direta e indireta e passa a ser a distinção entre o nível de organização do enunciado em que a evidencialidade se aloja, no Interpessoal (pragmático) ou no Representacional (semântico). Essa mudança de critério para a classificação dos evidenciais é essencial para a análise dos evidenciais no discurso jornalístico que estamos propondo, pois permite diferenciar o subtipo evidencial reportativo dos demais subtipos evidenciais (inferência, dedução e percepção de evento).

A caracterização da evidencialidade reportativa como uma qualificação que se aloja no nível pragmático da relação interpessoal, na medida em que explicita que o falante não é fonte da informação veiculada, também foi adotada por Hengeveld e Fischer (2018) que, ao analisarem a língua Cofán, separaram o subtipo *reportativo* identificado por Hengeveld e Hattnher (2015) em *reportativo* e *citativo*, a partir da camada em que cada um ocorre, ambos no Nível Interpessoal (pragmático). Essa nova classificação permite identificar duas formas diferentes de indicar que a informação transmitida não foi originalmente produzida pelo falante e será essencial para esta pesquisa. Por esse motivo, discutiremos mais detalhadamente a classificação de Hengeveld e Fischer (2018), bem como a de Hengeveld e Hattnher (2015) após uma breve apresentação da Gramática Discursivo-Funcional.

2.2 A evidencialidade na Gramática Discursivo-Funcional

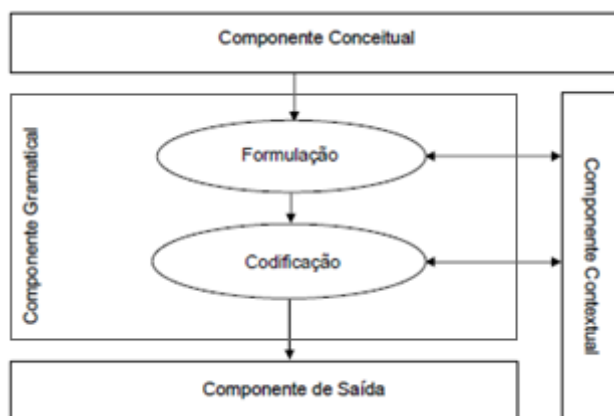
Nesta pesquisa, utilizamos como ferramenta de identificação dos subtipos evidenciais a tipologia estabelecida pela Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Nesta seção, apresentamos um breve esboço da teoria e a forma como ela fundamenta a classificação dos evidenciais reportativos e citativos, que serão aqui analisados.

A GDF é uma teoria que se encontra entre o formalismo radical e o funcionalismo radical; ela se aproxima do formalismo, ao propor uma descrição formalizada do conhecimento da língua, e do funcionalismo, por entender que o conhecimento da língua é instrumental na comunicação interpessoal.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é o Componente Gramatical de uma teoria mais ampla de interação verbal que interage com o Componente Conceitual,

com o Componente Contextual e com o Componente de Saída. Nessa concepção, o Componente Conceitual é responsável pela cognição, é o lugar onde se origina o que será expresso no Componente Gramatical; o Componente de Saída é responsável pelas expressões acústicas ou escritas produzidas pelo Componente Gramatical; e o Componente Contextual abrange o contexto do evento de fala, as relações entre os participantes e a forma do discurso precedente: este componente abrange apenas os aspectos do contexto que têm influência sobre o Contexto Gramatical.

Figura 1 – A GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal



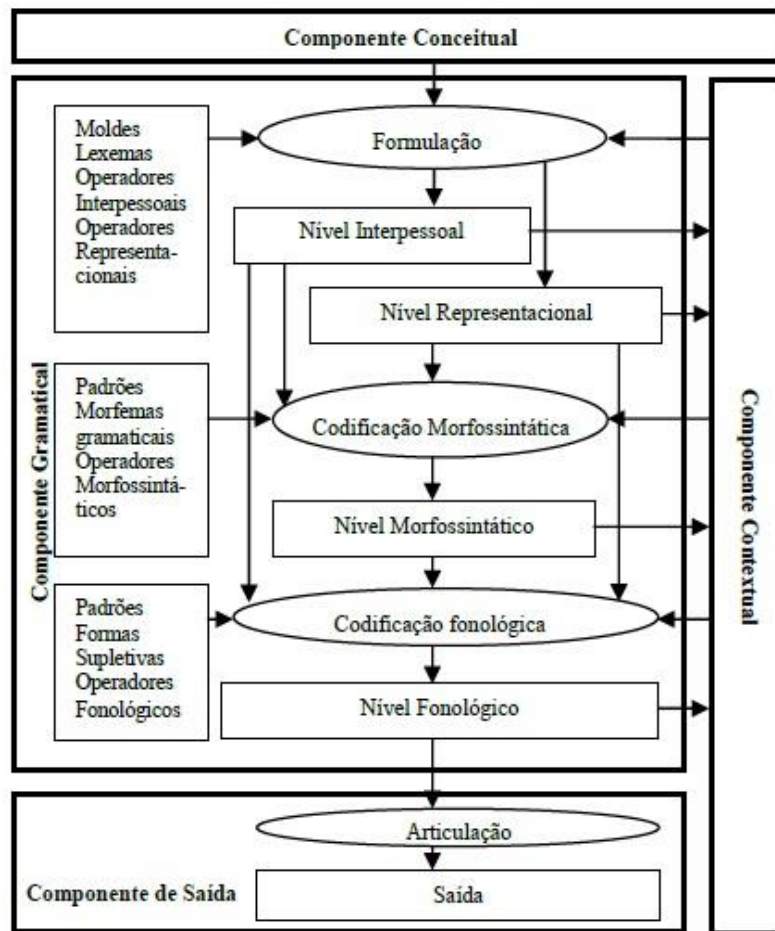
Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 44)

O Componente Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída interagem com o Componente Gramatical por meio de operações de Formulação e Codificação, como representado na Figura 1 acima. A Formulação está relacionada ao que constitui representações semânticas e pragmáticas válidas em uma língua, enquanto a Codificação está relacionada à conversão das representações semânticas e pragmáticas em representações morfossintáticas e fonológicas (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

A GDF constitui-se como uma gramática de arquitetura descendente, partindo do discurso para as unidades menores. Sua arquitetura é organizada em níveis e camadas que mantêm relações hierárquicas e configuracionais (não hierárquicas) entre si. Os níveis mais altos da gramática, o Nível Interpessoal e o Nível Representacional, são responsáveis pela formulação do enunciado e lidam com as questões pragmáticas e semânticas da interação verbal, enquanto os níveis mais baixos, Nível Morfossintático e Nível Fonológico, são responsáveis pela codificação do enunciado formulado nos Níveis Interpessoal e Representacional, como mostra a Figura 2 abaixo. Cada um desses níveis

é constituído por camadas hierárquicas e configuracionais, que serão apresentadas a seguir.

Figura 2 – Esquema Geral da GDF



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13)

O Nível mais alto da Gramática é o Nível Interpessoal (NI). Nele ocorrem todas as distinções de Formulação relacionadas à interação entre o Falante e o Ouvinte. Esse nível é particularmente relevante para nosso estudo, pois é o nível no qual a citação e a reportatividade ocorrem. O NI é organizado da seguinte maneira (6).

(6)	$(\pi M_1: [$	Movimento
	$(\pi A_1: [$	Ato Discursivo
	$(\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	Ilocução
	$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_S$	Falante
	$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_A$	Ouvinte
	$(\pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
	$(\pi T_1: [...] (T_1): \Sigma (T_1))_\Phi$	Subato de Atribuição
	$(\pi R_1: [...] (R_1): \Sigma (R_1))_\Phi$	Subato de Referência
	$] (C_1): \Sigma (C_1))_\Phi$	Conteúdo Comunicado
	$] (A_1): \Sigma (A_1))_\Phi$	Ato Discursivo
	$] (M_1): \Sigma (M_1))$	Movimento

A camada mais alta do NI é o Movimento (M), que corresponde à maior unidade de interação, podendo ser uma ação em busca de uma reação, ou ele próprio uma reação. O Movimento é formado por um ou mais Atos Discursivos (A), que mantém relações de equipolência ou de dependência. O Ato Discursivo é a unidade básica enunciativa, é composto pelas categorias configuracionais: Ilocução (F), Falante (P_1), Ouvinte (P_2) e Conteúdo Comunicado (C). O Conteúdo Comunicado, por sua vez, contém a totalidade do que o Falante deseja evocar e é composto por um ou mais Subatos de Atribuição (T) e/ou de Referência (R). O Subato de Atribuição é uma tentativa do Falante de evocar uma propriedade, enquanto o Subato de Referência é uma tentativa de evocar um referente.

Três das unidades pragmáticas identificadas na GDF serão especialmente importantes para a identificação dos subtipos evidenciais em análise nesta pesquisa e serão comentadas mais detalhadamente: o Ato Discursivo, o Conteúdo Comunicado e o Subato de Atribuição.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o Ato é a unidade básica enunciativa, equivale ao que é comumente entendido como *frase*, podendo ser composto por uma oração complexa ou até mesmo uma palavra. A evidencialidade citativa incide sobre o Ato Discursivo, pois evoca a totalidade da fala do outro falante. A citação é a reprodução de um Ato Discursivo da forma em que ele foi proferido pelo falante original, como podemos ver em (7), uma ocorrência da língua Cofán que marca a evidencialidade gramaticalmente, e em (8), uma ocorrência da língua portuguesa retirada do corpus desta pesquisa:

- (7) Cofán (Hengeveld e Fischer, 2018, p. 340)
 Chigane afe='fa=ja **khen.**
 por favor. dar=1PLS=IMP QUOT
 “Por favor, deem-no para mim” (ela disse).

- (8) Português (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
 “Quando meu marido me inscreveu para jogar, eu disse: você é louco, eu sofro da coluna. Mas na quadra eu não sinto dor nenhuma. Me sinto uma menina de 35 anos”, **disse** à BBC Brasil Dalva Assunção, de 69 anos.

No exemplo (7), a citação é introduzida pela partícula *khen*. Já em português, a marcação é feita principalmente por verbos elocutivos, como mostra o exemplo (8) acima. Em ambos os casos, há uma reprodução do Ato proferido pelo falante original, ainda que não seja uma reprodução exata em todos os casos.

Já a evidencialidade reportativa incide sobre o Conteúdo Comunicado ou sobre o Subato de Atribuição. De acordo com a teoria, o Conteúdo Comunicado equivale à totalidade daquilo que o falante deseja evocar, ou seja, a mensagem que o falante deseja transmitir. Podemos ver exemplos de Conteúdo Comunicado na língua Shipibo em (9), retirado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 104) e em (10), uma ocorrência semelhante em português, retirada da internet.

- (9) Shipibo (Faust, 1973 apud Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 104)
 Cai-ronqui reocoocainyantanke.
 indo-REP ele.virou
 ‘Enquanto ele estava indo (no barco), ele virou, disseram.’

- (10) Português (internet³)
 Dentro do grande marco de corrupção que teria ocorrido em torno da Petrobras, R\$ 16 milhões teriam sido pagos pela empresa OAS ao Partido dos Trabalhadores. O acórdão condenatório impunha a Lula o dever de reparar toda essa quantia alegadamente recebida pelo PT.

Tanto em (9) como em (10), o falante deixa claro, por meio do marcador gramatical reportativo *-ronqui*, em (9), ou por meio do advérbio reportativo *alegadamente* em português, que o conteúdo que ele comunica não foi originalmente produzido por ele. Mesmo não declarando quem é a fonte dessa informação, o falante deixa claro que ele não é essa fonte.

O Subato de Atribuição, como mencionado, corresponde à evocação de uma propriedade, que pode ou não ser atribuída a uma entidade. No caso de verbos que indicam fenômenos da natureza, por exemplo, uma propriedade é evocada (*chover*), mas não é atribuída a nenhum referente. O falante também pode fazer uso do Subato de Atribuição para evocar uma propriedade de uma entidade, como por exemplo o substantivo “carro”. Ao utilizar a palavra “carro”, o falante evoca as características desse

³ <https://www.conjur.com.br/2019-mai-30/direito-transe-triplex-schroedinger-ou-direito-privado-desconhecido>

inferência, dedução e percepção de evento. Os subtipos que indicam que o próprio falante é a fonte da informação expressa estão alocados no Nível Representacional, a inferência está alocada na camada do Conteúdo Proposicional, que representa construtos mentais, que não são localizados no tempo ou espaço; a dedução, na camada do Episódio, que consistem em um ou mais estado de coisas tematicamente coerentes; e a percepção de evento, na camada do Estado de Coisas, que representam um evento que pode ser localizado no espaço e no tempo e que, por essa razão, é possível avalia-lo em relação a sua realização. Os exemplos a seguir, retirados de Hengeveld e Hattnher (2015), explicitam esses usos:

- (13) Karo (Gabas, 1999, p. 269 apud Hengeveld e Hattnher, 2015, p. 485)

aʔ=ket-t **mema**
 3.SG=dormir-IND INFER
 ‘Suponho que ele esteja dormindo.’

- (14) Yuhup (Ospina Bozzi, 2002, p. 183 apud Hengeveld e Hattnher, 2015, p. 486)

jîdāh *~jabma* **~ho**
 3PL dançar DED
 ‘Eles estão dançando.’ (deduzo pelo barulho).

- (15) Tuyuca (Barnes, 1984, p. 260 apud Hengeveld e Hattnher, 2015, p. 487)

diiga *ape-wi*
 futebol jogar-VIS.PST
 ‘Ele jogou futebol.’ (Eu o vi jogar.)

Em (13), temos um exemplo de inferência da língua Karo, expresso pelo item gramatical *mema*. Essa partícula é utilizada em Karo para indicar que aquele conhecimento é sabido por ser uma ação que se repete, ou seja, por conhecimento prévio do falante, ele infere que “ele está dormindo”. Em (14), há uma dedução exemplificada pela língua Yuhup. Nesse exemplo, o falante marca a dedução por meio da partícula *~ho*, indicando que tem conhecimento daquela informação após ouvir um barulho, possivelmente uma música, que fez com que deduzisse que “eles estão dançando”. Em (15), por sua vez, o falante marca a percepção de evento pelo item gramatical *wi*, que indica uma percepção visual no passado. Ou seja, nesse exemplo, o falante tem conhecimento daquela informação após percebê-la de forma direta visualmente.

Na língua portuguesa, que marca a categoria lexicalmente, a distinção entre a inferência e a dedução não é tão clara. Os exemplos a seguir mostram, respectivamente, como a inferência, a dedução e a percepção de evento podem aparecer no português:

- (16) Não podemos nos agarrar a nada. Conheceste o Hélio ao nascer e acompanhaste o seu crescimento. Embora não tenhas tido um filho, **sei**, sempre soube pelo teu olhar, que compreendes o sentido mais profundo da paternidade. (KAPP-BARBOZA, 2017, p. 121)
- (17) Luiza está acordada, **sei** pelo barulho do chuveiro ligado no outro banheiro. Tomara que a água quente dê para todo mundo. (KAPP-BARBOZA, 2017, p. 127)
- (18) Eu **vi** eles entrando pela porta da frente, os dois abraçadinhos, um do lado do outro ali, com a faixa na rampa, lá em Brasília.
(<http://www.camaracaxias.rs.gov.br/imprimir/imprimirTextoSessao/2415>)

Podemos observar que tanto (16) como (17) marcam a evidencialidade com o verbo “saber”, mas expressam valores evidenciais diferentes. Em (16), temos uma inferência, em que o falante transmite uma informação que infere por conhecimentos prévios, já em (17), temos uma dedução, em que o falante ‘sabe’ aquela informação, por deduzir após ouvir “o barulho do chuveiro ligado no outro banheiro”, após uma percepção sensorial, nesse caso, auditiva. Em (18), por sua vez, nesse exemplo retirado da internet, temos uma percepção de evento, o falante tem conhecimento daquela informação após ter percebido de forma direta, após ter visto “eles entrando pela porta da frente”.

Esses três subtipos evidenciais marcam que o falante é a fonte do conhecimento transmitido, distinguindo-se pelo modo como o falante obtém essa informação. Nesta pesquisa, focamos nos subtipos evidenciais que marcam outro falante como fonte da informação, por essa razão esses subtipos não serão abordados em nossa análise.

Como já dito, o Nível Interpessoal e o Nível Representacional são responsáveis pela operação de Formulação. O Nível Morfossintático (NM), por sua vez, juntamente com o Nível Fonológico (NF), é responsável pela codificação das distinções interpessoais e representacionais. Esse nível trata de aspectos estruturais da unidade linguística e é formado pelas camadas: Expressão Linguística (Le), Oração (Cl), Sintagma (Xp), Palavra (Xw), Raiz (Xs) e Afixo (Aff). A disposição da ordem hierárquica e configuracional dessas camadas é apresentada em (19):

- | | | |
|------|---------------------|-----------------------|
| (19) | (Le ₁ : | Expressão Linguística |
| | (Cl ₁ : | Oração |
| | (Xp ₁ : | Sintagma |
| | (Xw ₁ : | Palavra |
| | (Xs ₁) | Raiz |
| | (Aff ₁) | Afixo |
| | (Xw ₁)) | Palavra |
| | (Xp ₁)) | Frase |
| | (Cl ₁)) | Oração |
| | (Le ₁)) | Expressão Linguística |

Na codificação, o Nível Fonológico complementa o Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* dos demais Níveis e fornece a informação linguística que será articulada no Componente de Saída. O NF é composto pelas camadas da Enunciado (U), da Frase Entonacional (IP), da Frase Fonológica (PP), da Palavra Fonológica (PW), do Pé (F) e da Sílabas (s), que são estruturadas da seguinte forma:

(20) (π U ₁ : [	Enunciado
(π IP ₁ : [	Frase Entonacional
(π PP ₁ : [	Frase Fonológica
(π PW ₁ : [	Palavra Fonológica
(π F ₁ : [	Pé
(π S ₁) ^N	Sílabas
] (F ₁))	Pé
] (PW ₁))	Palavra Fonológica
] (PP ₁))	Frase Fonológica
] (IP ₁)	Frase Entonacional
] (U ₁))	Enunciado

Como se viu, de acordo com Hengeveld e Hattner (2015), a evidencialidade reportativa está alocada no Nível Interpessoal, como um operador ou modificador do Conteúdo Comunicado ou do Subato de Atribuição. Nessa classificação, os autores ainda não consideravam a citação como um subtipo evidencial, todos os casos de discurso relatado foram tratados como reportatividade.

Em estudo posterior, Hengeveld e Fischer (2018) separaram o que até então era entendido como reportatividade em reportativo e citativo. Essa distinção se faz necessária, pois, embora ambos ocorram no Nível Interpessoal, a reportatividade está alocada na camada do Conteúdo Comunicado ou do Subato de Atribuição, e a citação está alocada na camada do Ato Discursivo, uma vez que evoca o Ato inteiro proferido pela fonte.

Tendo em vista que a classificação proposta por Hengeveld e Hattner (2015), ampliada por Hengeveld e Fischer (2018), permite a separação dos subtipos evidenciais reportativo e citativo não somente a partir do fato de a fonte da informação ser diferente do falante, mas também a partir do estatuto da informação veiculada (Ato, Conteúdo Comunicado ou Subato de Atribuição), trabalharemos com esses dois subtipos, com intuito de confirmar essa distinção na língua portuguesa, que, diferentemente da língua analisada com Hengeveld e Fischer (2018), marca a categoria lexicalmente.

Essa categorização proposta a partir da GDF será utilizada nesta pesquisa como ferramenta para distinguirmos os subtipos evidenciais. A adoção desse modelo como

forma de identificação dos subtipos, no entanto, não implica que a reportatividade e a citação não tenham sido abordadas por outros autores, como se verá a seguir. Entendemos, no entanto, que a proposta de Hengeveld e Fischer permite verificarmos se os diferentes efeitos de sentido acionados pela citação e pela reportatividade no discurso jornalístico em língua portuguesa relacionam-se com as diferentes unidades escopadas por esses subtipos evidenciais.

Na subseção seguinte, abordamos a forma como a reportatividade e a citação são tratadas na literatura.

2.3 A evidencialidade reportativa e a evidencialidade citativa

As categorias denominadas na Gramática Discursivo-Funcional como *reportativo* e *citativo* são identificadas por diferentes autores (Willet, 1988; de Haan, 1999; Cornillie, 2007; Aikhenvald, 2004). As diferentes nomenclaturas que são atribuídas a essa categoria evidenciam critérios classificatórios que envolvem tanto o tipo de fonte de informação como o modo como a informação foi obtida: *rumor*, *folclore*, evidencialidade *relatada*, *de segunda mão*, *de terceira mão* ou *citativa*. Hengeveld e Hattnher (2015), utilizando o aparato da GDF e analisando apenas línguas com expressão gramatical da evidencialidade, consideram todos esses subtipos como casos de evidencialidade reportativa.

Segundo Hengeveld e Hattnher (2015), as marcações de reportatividade indicam que a informação transmitida foi originalmente produzida por outro enunciador que não o falante. A informação foi escutada ou lida e provém de outro enunciador, e não de uma dedução, inferência ou percepção de evento realizada pelo enunciador. Essa afirmação também é válida para a citação, uma vez que ambos subtipos expressam uma informação adquirida por terceiros.

Em línguas com marcação gramatical, Aikhenvald (2004) distingue dois tipos de evidencialidade com fonte da informação diferente do autor do enunciado: a *relatada* (*reported*), que não especifica o autor do enunciado relatado, apenas aponta que foi dito por outra pessoa, e a *citativa* (*quotative*), que explicita o autor do enunciado citado. Essa mesma distinção é utilizada por muitos autores, inclusive por Hengeveld e Mackenzie (2008); entretanto, como visto, novos estudos sobre o assunto atualizaram essa distinção na GDF.

Estudos sobre os reportativos e citativos têm sido realizados em diferentes línguas, porém, com a intenção de verificar o sentido e a função de reportativos específicos, como no trabalho de Koev (2017), em que o autor analisa os citativos indefinidos em línguas como o búlgaro, o alemão e o inglês. Nesse trabalho, Koev diferencia três tipos do que ele chama de citação: citação pura (*pure quotation*), citação direta (*direct quotation*) e citação mista (*mixed quotation*). A citação pura seria o conteúdo reportado com marcação de aspas e sem um verbo *dicendi*, a citação direta seria o que chamamos de discurso direto com um verbo *dicendi*, e a citação mista, o discurso direto e indireto, em que o conteúdo reportado aparece encaixado a uma oração com verbo de dizer e faz-se uso de aspas. Nesta pesquisa, não analisamos o que Koev (2017) chama de citação pura, pois não nos interessa uma marcação evidencial que é expressa apenas na forma escrita, uma vez que seguimos a classificação da GDF.

Outro estudo recente que aborda as funções do reportativo foi realizado por Guardamagna (2017), que analisou as funções do termo latino *secundum* SN (segundo SN), análise essa que será utilizada no momento de verificação dos nossos dados.

Sobre a língua portuguesa, Casseb-Galvão (2011) analisa o [diski] do português brasileiro, utilizando o aparato teórico da GDF e da Teoria da Gramaticalização, ao passo que a construção reportativa *dizque*, na língua espanhola, é analisada por Olbertz (2007). Todos esses trabalhos contribuíram para a análise dos tipos evidenciais encontrados no corpus desta pesquisa, mas diferem de nossa proposta ao focar em tipos específicos de reportativos, uma vez que nossa intenção é verificar se a distinção dos dois subtipos evidenciais se faz relevante na língua portuguesa e quais seus usos e efeitos de e sentido das subcategorias como um todo e não de itens predeterminados.

A diferença entre o reportativo e o citativo é feita em diferentes trabalhos segundo o aparato teórico da GDF (cf. Hengeveld; Fischer, 2018; Rendón, 2006; Olbertz, 2005). Após analisar os usos reportativos e citativos em Quechua, língua com marcação gramatical da categoria, Rendón (2006, p.45) diferencia os dois tipos da seguinte forma:

- a) Ishkai allku-ta chari-rka-ngui nin.
two dog-ACC have-PST-2S REP
'Reportedly you have two dogs.'
[Alegadamente você tem dois cachorros.]
- b) Ishkai allku-ta chari-rka-ngui ni-n.
two dog-ACC have-PST-2S say-PRES.3S
'You have two dogs, he says [to me].'
[Você tem dois cachorros, ele disse [para mim].]

Os moldes são semelhantes, mas diferem em diversas maneiras cruciais. Tanto o reportativo como o citativo correspondem a um Movimento (M) e contém um Ato Discursivo (A) cada. Ambos fazem referência a "two dogs" (R₂) e expressam uma relação de posse entre R₂ e R₁ por meio de um Ato Atributivo (T₁). Mas o reportativo é composto por um Conteúdo Comunicado (declaração do P₁) e o citativo por dois Conteúdos (declaração de P₁ e seu conteúdo). Da mesma forma, a identidade de R₁ é diferente em ambos: no reportativo é P₂, o destinatário, e no citativo é P₁, o locutor. (RENDÓN, 2006, p. 44-45 – tradução minha⁴)

Apenas para deixar as características mais fáceis de serem visualizadas, podemos esquematizar as diferenças entre o reportativo e o citativo apontadas por Redón da seguinte maneira:

Pontos em comum:

- a relação de posse entre as duas referências R₁ e R₂
- R₂ = dois cachorros

Reportativo:

- 1 conteúdo comunicado = a declaração do falante
- R₁ = o ouvinte (eu digo que alegadamente você tem dois cachorros)

Citativo:

- 2 conteúdos comunicados = a declaração do falante e a declaração da fonte
- R₁ = o falante (a fonte disse para mim: "você tem dois cachorros")

Hengeveld e Fischer (2018), após analisarem as categorias de tempo, aspecto, modalidade e evidencialidade na língua Cofán, também separam os casos em reportativo e citativos, mas diferentemente de Rendón, identificam outra camada de ocorrência para o citativo. De acordo com a classificação feita por Olbertz (2005), os autores incluem entre os reportativos as ocorrências em que há um marcador de reportatividade indefinida, ou definida com verbo de dizer, mas com adaptação do falante no relato do conteúdo, caracterizando o discurso indireto ou misto, como será visto na análise, estando alocado na camada do Conteúdo Comunicado. Os autores consideram como citativos apenas os casos em que há uma evocação da fala total da fonte, sem adaptações dos elementos dêiticos do enunciado, o que seria equivalente ao discurso direto e se assemelha a uma reprodução exata da fala da fonte.

⁴ The frames are similar but differ in several crucial ways. Both the reportative and the quotative correspond to one move (M) and contain one discourse act (A) each. Both make reference to 'two dogs' (R₂) and express a relation of possession between R₂ and R₁ by means of an Ascriptive Act (T₁). But the reportative is composed of one communicated content (P₁'s statement) and the quotative of two contents (P₁'s declaration and the content thereof). Likewise, the identity of R₁ is different in both: in the reportative it is P₂, the addressee, and in the quotative it is P₁, the speaker.

As diferentes definições para os evidenciais que indicam outro falante como fonte da informação veiculada apontam para diferentes estratégias argumentativas, como descomprometimento com a informação ou aumento da credibilidade; por essa razão esses subtipos foram escolhidos como objeto de estudo para essa pesquisa, na qual buscamos identificar essas variações e apontar as diferentes motivações argumentativas no discurso jornalístico, que será apresentado no próximo Capítulo.

Tendo em vista que, como já indicado pela definição de Ato Discursivo de Kroon (1995) adotada pela GDF, não há um equivalente morfossintático para a camada do Ato Discursivo, que pode ser expresso por uma oração ou uma palavra, e ainda, que são muitas as formas disponíveis para se expressar um Conteúdo Comunicado por outro falante, após mostrarmos os critérios selecionados para análise no Capítulo IV, analisaremos, no Capítulo V, os usos evidenciais reportativo e citativo, buscando caracterizar sua função e a forma.

3 A FONTE DA INFORMAÇÃO NO DISCURSO JORNALÍSTICO

3.1 Caracterização do discurso jornalístico

Para delimitar o corpus a ser analisado, utilizamos a noção de discurso de Maingueneau (2001), que, ao analisar textos da área de comunicação, expõe características essenciais do discurso que possibilitam uma especificação do termo. Segundo o autor, o discurso deve:

- ser uma organização situada para além da frase, ou seja, uma organização que obedece a “regras de organização vigentes em um grupo social determinado” (2001, p. 52);
- ser orientado, desenvolvendo-se no tempo de maneira linear. “O discurso se constrói, com efeito, em função de uma finalidade, devendo, supostamente, dirigir-se para algum lugar.” (2001, p. 53);
- ser uma forma de ação, uma vez que todo ato constitui uma ação;
- ser interativo, ou seja, o discurso envolve uma troca verbal entre emissor e receptor;
- ser contextualizado, uma vez que não há enunciado com sentido fora de um contexto;
- ser assumido por um sujeito, que é responsável pela produção do referido discurso;
- ser regido por normas, uma vez que todo ato verbal é regido por normas que justificam seu uso;
- e ser considerado no bojo de um interdiscurso, uma vez que o discurso só adquire sentido quando comparado a outros discursos.

O discurso jornalístico cumpre um papel social específico, o de informar, e apresenta todas as características essenciais listadas por Maingueneau. E são exatamente algumas dessas características que justificam sua escolha para a análise da reportatividade e da citação. O uso da evidencialidade não é obrigatório em línguas que a marcam lexicalmente, como o português; no entanto, em contextos específicos a indicação da fonte se faz necessária. Um exemplo desses contextos é o discurso jornalístico. Nesse discurso, reportativos e citativos aparecem com grande recorrência, uma vez que se busca passar uma informação que seja entendida como confiável, sendo o evidencial uma importante estratégia para construir essa confiabilidade, além de ser uma forma de o falante se descomprometer com determinadas informações. Por essa razão, textos extraídos

do jornal *Folha de São Paulo* foram escolhidos para a composição do corpus desta pesquisa.

Segundo Bednarek (2010), em seu estudo linguístico que analisa a forma de o falante expressar opinião nas notícias, os jornais fazem uso abundante da evidencialidade. De acordo com a autora, os evidenciais “são usados por jornalistas para dar base a falas subjetivas e avaliar a confiabilidade de diferentes tipos de informação. Isso porque atribuímos diferentes graus de confiabilidade a diferentes bases.” (2010, p. 31, tradução nossa).⁵ A autora afirma ainda que os relatos de testemunhas oculares e citações constituem os evidenciais mais importantes para aumentar o valor de verdade de uma informação.

Ao trabalhar com esse discurso específico, deve-se considerar suas características próprias, como, por exemplo, regras específicas de publicação. De acordo com o jornalista Lage (1985), o texto publicado em jornal só tem sentido quando lido, não se trata de um diálogo, e por isso possui condições próprias de elaboração; embora o jornalista escreva com o intuito de atingir determinado público, não há uma conversa propriamente dita. Sendo assim, o autor do texto publicado deve buscar suprir a ausência de elementos dêiticos que existem na fala, tomando bastante cuidado com sua escrita e incluindo quaisquer pontos que possam levantar questionamento, como a fonte da informação transmitida.

A principal função de textos publicados em jornais é a de transmitir informações e reportar acontecimentos. Nesses textos, busca-se sempre alto nível de confiabilidade, e, para isso, os autores recorrem a diferentes recursos, como dados concretos, números e especificação de fonte. Em seu trabalho sobre a linguagem jornalística, Lage (1985) lista normas comuns para a composição de um texto jornalístico, algumas das quais reproduzimos aqui:

- Não opine em matérias informativas.
- Use os fatos; eles são mais convincentes, mesmo quando a matéria sai com assinatura.
- Preserve suas fontes, mas não se submeta a elas.
- Quem é jornalista é você; a fonte, mesmo que seja um sábio na sua especialidade, é um amador em jornalismo. Mas, em caso de dúvida sobre um dado, volte à fonte e pergunte.
- Escreva o nome completo das pessoas, pelo menos o prenome e o sobrenome. Não afete intimidade.

⁵ They are used by journalists to give bases for subjective statements and to evaluate the reliability of different kinds of information. This is because we attach different degrees of reliability to different bases. (BEDNAREK, 2010, p. 31)

- Evite generalizações que possam atingir grupos profissionais, classes sociais, nacionalidades, raças, credos e instituições.
- Pesquise dados. [...] (LAGE, 1985, p. 62)

Podemos notar, desde a primeira norma citada, que se evitam expressões de opinião. De maneira geral, no discurso jornalístico, o falante visa ser objetivo, com o propósito principal de transmitir informação. Entretanto, sabe-se que, mesmo quando se tenta evitar transparecer subjetividade, todo texto apresenta, em maior ou menor grau, a ideologia do autor, que acaba muitas vezes sendo determinante para as suas escolhas linguísticas. Lage (1985, p. 42) afirma que “as grandes e pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico.” Logo, ainda que se busque encobrir a expressão de ideologias na transmissão da informação, o discurso jornalístico não é, obviamente, isento de concepções ideológicas e de subjetividade.

Apesar de ter como principal motivação a transmissão de informação, há uma tentativa de persuasão inerente nesses textos. Em nossa análise, buscaremos observar as nuances de subjetividade na escolha do verbo utilizado para reportar ou citar uma fala, por exemplo, em que o falante demonstra concordância ou discordância com a fonte da informação, demonstrando níveis de subjetividade.

As escolhas morfossintáticas dos autores são cuidadosamente pensadas em diversos aspectos. Por se tratar de um texto escrito, que visa demonstrar respeitabilidade, os jornalistas optam por uma linguagem mais formal. Porém, concomitantemente, o jornalista pretende entregar aquela informação ao maior número de pessoas possível e, para isso, faz uso de uma linguagem que se encontra entre a linguagem coloquial e a linguagem formal de textos acadêmicos ou jurídicos, por exemplo. De acordo com Lage (1985, p. 36), a linguagem jornalística não é limitada a fórmulas rígidas, pois essas fórmulas não são eficientes no mundo objetivo: “A questão teórica consiste em estabelecer princípios (a) tão gerais que permitam a constante atualização da linguagem e (b) relacionados com os objetivos, o modo e as condições de produção do texto.”

Sendo assim, no discurso jornalístico, o falante pretende conciliar uma comunicação eficiente com uma aceitação social. Essas escolhas morfossintáticas são vistas no emprego dos itens evidenciais, com escolhas que “são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal” (LAGE, 1985, p. 38).

É possível depreender que, nesses textos, o falante apresenta grande controle sobre a mensagem transmitida, diferentemente do que ocorre na língua falada. Além disso, é

sabido que, antes de chegar ao leitor, o texto escrito foi reescrito e editado, possibilitando um elevado grau de controle das escolhas dos evidenciais, tanto em relação ao subtipo utilizado quanto em relação à sua expressão morfossintáticas. Segundo Lourenço e Hirata-Vale (2015), que analisam os evidenciais de inferência e reportatividade no campo jornalístico, “o falante/sujeito sabe o que quer dizer e sabe a melhor maneira de dizer para que se produzam os efeitos desejados por ele.” (LOURENÇO; HIRATA-VALE, 2015, p. 67).

Dadas essas especificidades, é esperado que as escolhas linguísticas no discurso jornalístico sejam diferentes das encontradas em outros discursos ou na língua falada. Sendo assim, interessa a este trabalho verificar os usos dos subtipos evidenciais reportatividade e citação nesse discurso específico, em que a marcação de uma fonte diferente do falante se faz tão necessária.

3.2 O uso da evidencialidade no campo jornalístico

A evidencialidade é uma estratégia muito utilizada no jornalismo como uma forma de descomprometimento e como um recurso de persuasão. Uma informação com a indicação da fonte tem sua credibilidade aumentada e, conseqüentemente, tem maior poder de persuasão sobre o leitor. Por essa razão, há na literatura diversos trabalhos sobre a categoria em textos jornalísticos, dos quais citaremos alguns que foram importantes para guiar nossa pesquisa, como Maingueneau (2001), Martínez Caro (2006), Lourenço e Hirata-Vale (2015) e Ruskan (2017).

Maingueneau (2001), como visto, analisa textos de comunicação, propagandas e jornais, sob a perspectiva da análise do discurso. O autor analisa esses textos de diferentes óticas, tratando, inclusive, do discurso relatado nos textos de comunicação, com capítulos dedicados exclusivamente para o tema do discurso direto, do discurso indireto e das formas híbridas, que possibilitam a identificação de diferentes formas de relatar uma fala, além do discurso direto e indireto. Embora as classificações sugeridas pelo autor não sejam utilizadas neste trabalho, elas servirão como base para a identificação das diferentes formas de relatar um enunciado, conforme se verá na análise dos dados.

Martínez Caro (2006) investiga, a partir de uma abordagem funcionalista, a expressão da evidencialidade em jornais em inglês e espanhol, e identifica que o tipo evidencial mais utilizado é a reportatividade (*hearsay*), confirmando a importância de um estudo mais aprofundado desse subtipo evidencial. Assim como o que ocorre em outras línguas, a autora averiguou que o verbo mais utilizado para introduzir uma informação

relatada nas duas línguas é o equivalente ao *dizer* em português (*say* e *decir*), o que nos instigou a investigar a produtividade dos diferentes tipos de verbos elocutivos no discurso jornalístico escrito em língua portuguesa.

Lourenço e Hirata-Vale (2015), por sua vez, identificaram os usos de evidenciais de fonte direta (inferência) e indireta (reportatividade) em três gêneros jornalísticos: a notícia, o editorial e o artigo de opinião. Essa análise mostrou que as escolhas dos evidenciais não são aleatórias e variam de acordo com o objetivo de cada gênero. O subtipo evidencial mais encontrado pelas autoras, assim como em Martinez Caro (2006), foi a reportatividade. As autoras identificaram que as notícias recorreram mais à marcação da reportatividade, uma vez que, dentre os gêneros analisados, é o que mais preza pela objetividade, “visando apenas ao fazer-saber, ou seja, sua função é apenas transmitir o evento ou acontecimento, por isso os evidenciais reportativos aparecem mais, sendo em sua maioria de fonte identificável” (LOURENÇO; HIRATA VALE, 2015, p. 75).

Ruskan (2017), por fim, analisa marcas de evidencialidade em dois jornais lituanos. A autora analisa formas sintáticas específicas de todos os subtipos evidenciais em dois diferentes jornais, impresso e *online*, com o intuito de verificar a diferença entre os dois meios. Assim como apontado nos demais trabalhos nessa área, o subtipo chamado de *hearsay* aparece com grande recorrência nesse tipo de texto, comprovando a importância de um estudo mais aprofundado sobre os evidenciais que marcam outro falante como fonte da informação no discurso jornalístico.

Essa pequena mostra da diversidade de estudos dos evidenciais no discurso jornalístico é reveladora da importância da marcação de uma fonte da informação vinda de outro falante nesse contexto, e justifica a existência de um estudo que, baseado na distinção entre reportatividade e citação, busca associar os diferentes efeitos de sentido desses dois subtipos evidenciais a diferenças formais sistemáticas.

3.3 Diferentes gêneros do discurso jornalístico

Na literatura jornalística, a delimitação de gênero nem sempre é consensual e, por essa razão, tratamos aqui da forma como diferentes autores abordam a questão dos gêneros presentes no jornal. A fim de obter uma análise dos diferentes efeitos de sentido gerados pelos evidenciais, escolhemos três seções do jornal *Folha de São Paulo: Poder, Equilíbrio e Saúde e Colunas*. Esperamos que a variedade de temas tratados nessas seções propicie diferentes usos que contribuam para a caracterização dos evidenciais.

Das seções escolhidas, duas apresentam caráter mais objetivo e informativo: *Poder* e *Equilíbrio e Saúde*, mas diferem entre si, uma vez que uma trata de temas sobre política e a outra, de temas sobre saúde e meio ambiente. A terceira seção escolhida, *Colunas*, apresenta caráter mais subjetivo, sendo uma seção mais opinativa e com mais liberdade de expressão na construção do texto, tanto no que diz respeito ao tema tratado, não se limitando apenas à transmissão de informação, como à forma de expressão desse conteúdo, com mais flexibilidade nas escolhas pragmáticas, semânticas e morfossintáticas.

O site oficial do jornal *Folha de São Paulo*⁶ define o caderno *Poder* como responsável por fazer a cobertura da política, desde questões agrárias a movimentos sociais, o jornal afirma que esse caderno tem como intuito deixar o leitor ciente de todos os acontecimentos mais relevantes na área política.

De acordo com o site, em *Equilíbrio e Saúde* estão as publicações destinadas a temas que contribuam para que o leitor viva de maneira melhor, trazendo as últimas técnicas e terapias desenvolvidas no mundo, além de cuidados com corpo e mente. Já em *Colunas*, não existe um assunto predeterminado. Colunistas são convidados para publicarem regularmente textos sobre diversos assuntos. Nessa seção, pode haver textos de especialistas, como, por exemplo, do médico Dráuzio Varella, que participa de publicações na *Folha de São Paulo*, ou também textos com caráter mais cômico de humoristas e jornalistas que usam o humor para fazer uma crítica.

Embora as definições do site do jornal *Folha de São Paulo* nos permitam entender a função das seções, elas não delimitam os gêneros jornalísticos presentes em cada uma delas.

A transmissão da informação é a intenção básica de todo texto jornalístico; entretanto, alguns textos têm caráter mais opinativo, como editoriais e colunas. Lourenço e Hirata-Vale (2015) analisam os gêneros notícia, artigo de opinião e editoriais, e sobre os artigos de opinião, afirmam que “assim como os editoriais, configuram-se como gêneros opinativos, e ocupam, geralmente, seções pré-determinadas dos jornais, destinadas à veiculação de opinião.” (LOURENÇO; HIRATA-VALE, 2015, p. 68). Embora as autoras estejam tratando de artigos de opinião, entendemos que esse comportamento também é válido para as colunas, por também serem textos mais opinativos.

⁶ Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/poder/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Ao buscar uma delimitação dos gêneros jornalístico, Bonini (2003), por entender que essa noção não é clara na área da comunicação, expõe alguns trabalhos sobre o tema e propõe sua própria classificação. O autor afirma que “A mescla de tratamento teórico e prático do fenômeno linguagem, nesta literatura [da comunicação], leva a uma flutuação do conceito de gênero principalmente nos manuais de ensino.” (BONINI, 2003, p. 211). Para traçarmos os diferentes gêneros do corpus analisado nesta pesquisa, trazemos os autores analisados por Bonini e sua proposta de classificação.

O autor opta por identificar os gêneros a partir da abordagem etnográfica, usando o teórico Bhatia (1993 apud BONINI, 2003). Nessa abordagem, busca-se descrever os gêneros como componentes de uma comunidade discursiva. Procura-se, desse modo, caracterizar, em correlação direta, o ambiente social e os gêneros que nele circulam, a partir de uma análise comparativa dos exemplares do gênero. Bonini enumera três critérios utilizados para se selecionar um rótulo como candidato a um gênero:

- 1) corresponder a uma unidade materializável na forma de texto; 2) ser reconhecido e praticado na comunidade discursiva de origem como uma unidade textual; 3) estar relacionado às atividades centrais do jornalismo impresso (mais especificamente, do jornal). (BONINI, 2003, p. 210)

A fim de delimitar os gêneros, o autor recorreu a manuais de redação de grandes jornais (O Estado de S. Paulo, O Globo, Zero Hora e Folha de São Paulo), entretanto, nesses manuais, a distinção ocorre apenas de forma prática para o uso dos jornalistas, e não como debate teórico, não há nenhuma menção a verbetes específicos sobre gêneros ou gêneros jornalísticos. Fica claro que essa noção de gênero não é facilmente encontrada na literatura da comunicação. Os gêneros mais citados nos manuais são a notícia, a reportagem, a entrevista e o editorial. “Estes manuais mostram uma concepção de gênero como fixo, claramente delimitável e, por isso, passível de ser ensinado como técnica” (BONINI, 2003, p. 212).

Além de analisar esses manuais, Bonini compara algumas classificações feitas na literatura, como a de Beltrão, explicitada em três livros (1969, 1976, 1980 apud BONINI, 2003) e Melo (1985 apud BONINI, 2003). Beltrão define três gêneros jornalísticos: jornalismo informativo, jornalismo interpretativo e jornalismo opinativo. Já Melo diferencia em apenas dois: jornalismo informativo e jornalismo opinativo. A notícia, como ocorre nas seções de *Poder e Equilíbrio* e *Saúde* analisadas nessa pesquisa, aparece, na classificação dos dois autores, como jornalismo informativo, enquanto *Colunas* não

aparece na classificação de Beltrão, apenas na descrição de Melo, em que é classificada como jornalismo opinativo.

Outro trabalho que visa classificar esses gêneros foi feito por Chaparro (1998 apud BONINI, 2003), que nega as classificações de Beltrão e Melo, defendendo haver apenas dois gêneros no discurso jornalístico: o relato e o comentário. Chaparro faz uma releitura do trabalho de Melo (1985 apud BONINI, 2003), baseando-se em uma perspectiva pragmática. Para Chaparro, a oposição entre informação e opinião não é suficiente para delimitar gêneros, pois “o fazer jornalístico está imerso em uma teia de processos e razões sociais, de modo que opinião e informação se imbricam” (CHAPARRO apud BONINI, p. 214).

Chaparro defende ainda que a narração e a argumentação são a base do texto jornalístico e que os termos relato e comentário são suficientes para descrever esses gêneros no contexto jornalístico, contexto em que se relata e comenta a atualidade. Para o autor, esses dois gêneros se dividem em espécies e subespécies. Na tabela abaixo, podemos observar que, para Chaparro (1998 apud BONINI 2003), reportagem e notícia se enquadram em espécies narrativas do gênero relato, classificação em que se encaixariam as seções *Poder* e *Equilíbrio e Saúde*, enquanto *Colunas*, pode ser uma espécie argumentativa do gênero comentário ou uma espécie narrativa do gênero relato.

Quadro 1 – Classificação de Chaparro para os gêneros de jornal

Gênero COMENTÁRIO		Gênero RELATO	
<i>Espécies Argumentativas</i>	<i>Espécies Gráfico-Artísticas</i>	<i>Espécies Narrativas</i>	<i>Espécies Práticas</i>
Artigo Crônica Cartas Coluna	Caricatura Charge	Reportagem Notícia Entrevista Coluna	Roteiros Indicadores Previsão do tempo Cartas-consulta Orientações úteis

Fonte: Chaparro (1998, p. 123) apud Bonini (2003, p. 215)

Podemos observar que os textos publicados em *Colunas* apresentam uma classificação mais complexa e menos fixa, uma vez que há maior variação na publicação dos textos dessa seção.

Apesar de considerar a classificação de Chaparro mais embasada do que as anteriores, Bonini discorda do autor. Depois de analisar os textos a partir de uma abordagem etnográfica e de verificar as classificações existentes na literatura e nos

manuals de redação de grandes jornais brasileiros, Bonini propõe o seguinte quadro de classificação:

Quadro 2 – Gêneros relacionados ao jornal nos manuais de estilo, nos dicionários de comunicação e na literatura acadêmica da área de comunicação

NA ATIVIDADE JORNALÍSTICA	NO JORNAL			
	CENTRAIS			PERIFÉRICOS
	PRESOS	LIVRES		
		AUTÔNOMOS	CONJUGADOS	
▪ reunião de pauta ▪ pauta ▪ coletiva: entrevista	▪ carta ao leitor ▪ expediente ▪ chamada ▪ editorial ▪ foto ▪ manchete ▪ índice	▪ análise ▪ artigo ▪ nota ▪ notícia ▪ reportagem ▪ entrevista ▪ enquête ▪ fotorreportagem ▪ foto-legenda ▪ comentário ▪ crítica ▪ resenha ▪ tira ▪ cartum ▪ charge ▪ roteiro ▪ previsão do tempo ▪ carta-consulta ▪ efeméride	▪ cronologia ▪ gráfico ▪ mapa ▪ perfil ▪ story-board ▪ tabela ▪ errata ▪ fotografia ▪ ficha técnica ▪ galeria ▪ grade ▪ indicador ▪ cotação ▪ infográfico ▪ lista ▪ lidão ▪ endereço eletrônico ▪ caricatura ▪ referência bibliográfica ▪ endereço ▪ cineminha	▪ anúncio ▪ propaganda ▪ aviso ▪ cupom ▪ expressão de opinião ▪ informe publicitário ▪ ensaio ▪ editorial de moda ▪ crônica ▪ horóscopo ▪ reste ▪ folhetim ▪ charada ▪ palavra cruzada ▪ poesia ▪ conto ▪ edital ▪ balancete ▪ receita ▪ ata ▪ apostila ▪ dama ▪ xadrez

Fonte: Bonini (2003, p. 225)

Ao observar as classificações analisadas e proposta por Bonini, verificamos que os textos das *Colunas* não entram na classificação do autor, isso porque ele interpreta essa seção como “um espaço no jornal onde circulam vários gêneros” (2003, p. 226), sendo impossível classificar um gênero específico.

Seguindo ainda a classificação de Bonini, temos que a seção *Colunas* não se encaixa em nenhum gênero fixo, enquanto *Poder e Equilíbrio e Saúde* são ambas notícias, gêneros centrais, livres e autônomos. Diferenciam-se apenas nos temas abordados. Na área da comunicação, essas seções são chamadas de editorias e compõem as partes mais

importantes dos jornais. As editorias são divididas por temas: política, saúde, esporte etc. A coluna, por sua vez, não se trata de uma editoria, é um espaço reservado no jornal, para que jornalistas e/ou especialistas em um assunto, comentem, de forma mais opinativa, um acontecimento ou um fato, não se prendendo a nenhum gênero específico e pré-determinado.

Lourenço e Hirata-Vale (2015) também reconhecem a importância dos diferentes gêneros nesse contexto para a análise da expressão dos evidenciais e apontam que

é importante ressaltar que, em notícias, que são textos que visam a fazer saber (gêneros informativos), pode haver certa busca por objetividade, e o dialogismo é frequentemente mostrado por meios linguísticos e tipográficos. Já em artigos de opinião, que são textos que visam a fazer valer certa convicção (gêneros opinativos), há uma enunciação mais subjetiva, e o dialogismo é raramente mostrado, mas os outros discursos funcionam como argumentos que sustentam os pontos de vista do jornalista. (LOURENÇO; HIRATA-VALE, 2015, p. 68-69)

Esperamos que as diferenças entre textos do gênero notícias, das seções *Poder e Equilíbrio e Saúde*, e textos publicados em *Colunas*, em que não há um gênero específico, propiciem uma variedade de usos dos evidenciais. Além disso, os textos mais opinativos, como os da seção *Colunas*, têm flexibilidade não apenas nas construções, como também nos temas; esses textos são escritos com intuito de opinar sobre algum assunto específico. São textos que não têm a necessidade de serem tão informativos como as notícias, podendo ser apenas uma breve história cômica, por exemplo. Nesses casos, o apoio na fonte da informação não se faz tão necessário como nos demais textos analisados. E é justamente em cima dessas variações existentes do discurso jornalístico que pretendemos trabalhar, a fim de verificar se diferentes gêneros e focos temáticos geram diferentes usos de reportatividade e citação.

A partir do exposto, fica clara a diversidade de funções atribuída aos textos publicados nas diferentes seções do jornal. Esperamos que essas diferenças nos deem subsídio para reconhecer os usos evidenciais a partir de diferentes motivações.

4 UNIVERSO DE PESQUISA E METODOLOGIA

4.1 Composição do corpus

Como visto, para a realização deste estudo, utilizamos um corpus composto por textos jornalísticos da seção de política, *Poder*, da seção de ciência, *Equilíbrio e Saúde*, e da seção opinativa, *Colunas* do jornal online *Folha de São Paulo*. Os textos analisados são publicações do mês de agosto de 2017 escolhidas aleatoriamente. Esses textos foram coletados no *website* do jornal, utilizando o filtro de pesquisa de datas, o que permitiu a equiparação entre as amostras das diferentes seções, totalizando 80KB de textos de cada seção.

Não foram incluídos textos em forma de entrevistas e textos em crônica, por não cumprirem a função argumentativa que buscamos com esta pesquisa. Também não foram analisados usos citativos marcados apenas por aspas, sem qualquer item lexical que indique a evidencialidade.

A escolha das diferentes seções foi motivada pela hipótese de que textos com caráter mais científico, como os encontrados em *Equilíbrio e Saúde*, tendem a apresentar mais citações, com a reprodução direta do conteúdo comunicado pela fonte da informação e com indicação da fonte definida, com o intuito de dar mais credibilidade ao que é relatado, além de evitar comprometimento do jornalista com o que é dito, especialmente por se tratar de questões de saúde, que podem gerar problemas aos leitores diretamente ligados às matérias publicadas. Já os textos sobre política, como os encontrados na seção *Poder*, tendem a apresentar marcações variadas de evidencialidade reportativa, por não haver a necessidade de tentar reproduzir exatamente o que foi dito pelos políticos em todos os usos. As publicações de *Colunas*, por sua vez, foram utilizadas por se tratar de textos em que, supostamente, a argumentação não depende da indicação exata da fonte da informação, como em *Poder* e *Equilíbrio e Saúde*, pois são textos em que o enunciador expressa a sua própria opinião. Na análise, a indicação da seção será feita após cada exemplo, como nos exemplos abaixo retirados de cada uma das seções analisadas:

(21) O ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha, **afirmou que** faz viagens em avião da FAB por motivos de segurança (FSP – *Poder*)

- (22) "Alguns estudos mostram que no início alguns pacientes experimentam um aumento dos níveis de colesterol, e que vem uma queda nos meses seguintes", **afirma** Campos. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (23) **Dizem** os entendidos **que** derrotas ensinam mais que vitórias. (FSP – *Colunas*)

4.2 Critérios de análise

Os dados coletados foram analisados a partir de critérios pragmáticos, semânticos e morfossintáticos. Todos os critérios foram analisados em relação à diferença entre o uso do reportativo e do citativo, e à diferença entre as três seções do jornal, para podermos apurar a diferença no padrão de cada subtipo evidencial e o efeito de sentido decorrente de seus usos. Alguns dos demais critérios analisados também foram cruzados entre si, como o tempo do verbo evidencial e o tempo do verbo da oração relatada; toda vez que houve cruzamento de diferentes critérios, esse cruzamento é indicado explicitamente na análise.

Os critérios de análise dos dados são os seguintes:

4.2.1 Critérios pragmáticos

a) Subtipo evidencial

Como mencionado no Capítulo II, utilizamos a categorização proposta pela Gramática Discursivo Funcional para identificar os subtipos evidenciais reportativo e citativo. Como essa categorização foi feita a partir do estudo de línguas que marcam a evidencialidade gramaticalmente, buscamos identificar se, no português, assim como nas línguas analisadas por Hengeveld e Hattnher (2015) e por Hengeveld e Fischer (2018), a expressão lexical desses dois subtipos pode ser sistematicamente distinguida.

b) Seção em que cada evidencial ocorre

Identificamos em qual seção do jornal *Folha de São Paulo* cada evidencial ocorreu. Uma vez que escolhemos três seções diferentes, interessa-nos verificar se há preferência de uso reportativo ou citativo em cada seção. Todos os critérios que seguem foram cruzados com as três diferentes seções, a fim de averiguar os diferentes efeitos de sentido de cada uso.

c) Camada em que os evidenciais ocorrem

A distinção entre esses dois subtipos evidenciais assenta-se, segundo a GDF, na camada do Nível Interpessoal em que ocorrem: a citação ocorre na camada do Ato Discursivo e a reportatividade, na camada do Conteúdo Comunicado ou do Subato de Atribuição. Novamente, interessa verificar se a expressão lexical da evidencialidade reportativa e citativa obedece ao mesmo padrão identificado para a sua expressão gramatical. Essa investigação torna-se especialmente relevante quando se considera a polissemia natural de alguns verbos evidenciais que, conforme já demonstrado por Vendrame (2010) e Kapp-Barbosa (2017), podem servir à expressão de mais de um subtipo evidencial.

d) Discurso direto, indireto ou misto

Com esse critério visamos identificar as diferentes formas de reportar um conteúdo, por meio de discurso direto (24), indireto (25) ou misto, que são os casos em que a reportatividade é expressa por meio de discurso indireto, com apenas um trecho marcado com o uso de aspas, como mostra o exemplo (26). O discurso misto foi analisado por Maingueneau (2004) como uma forma híbrida de discurso; mais especificamente, o autor denominou essa forma de discurso de *ilhas*. Embora este estudo tenha sido usado para delimitar o discurso misto, não utilizamos a mesma nomenclatura de Maingueneau por não estarmos usando sua definição de discurso direto e indireto, uma vez que o autor divide esses discursos em mais tipos que não nos interessam nessa análise.

Esse critério foi escolhido a fim de identificar a relevância de cada tipo de discurso nos diferentes textos. Espera-se que os casos com transcrição literal do conteúdo citado apareçam com mais frequência quando se busca maior credibilidade ou maior distanciamento. Sabemos que a citação sempre ocorrerá com o discurso direto, uma vez que é um pré-requisito para ser considerada citação; então, aqui, observamos apenas os diferentes usos do reportativo: com discurso indireto ou misto.

- (24) "O tumor encontra um jeito de resistir à quimioterapia, e nós estamos interessados em descobrir de que forma isso acontece", diz a Clarissa Ribeiro Reily Rocha, doutora pela USP e pesquisadora do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts). (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (25) A empresa divulgou uma nota dizendo que já iniciou o processo de recolhimento voluntário do medicamento. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

- (26) Em rápido contato com a Folha na saída do prédio, o empresário disse que estava "fazendo uma visita" ao procurador, que não via desde o processo de delação premiada. (FSP – Poder)

e) Determinação ou indeterminação da fonte

O próximo critério pragmático busca investigar o papel da (in)determinação da fonte da informação reportada na construção da argumentação e teve como base a classificação proposta por Teixeira (2014), que analisou os tipos de indeterminação do sujeito de acordo com os preceitos da GDF. A autora utiliza os operadores de identificabilidade [$\pm id$] e de especificidade [$\pm s$], que podem se combinar das seguintes formas: [$+id$, $+s$], [$+id$, $-s$], [$-id$, $+s$], e [$-id$, $-s$]. De acordo com a GDF, esses operadores podem ser aplicados a qualquer referente tido como identificável para o falante e para o ouvinte.

A combinação [$+id$, $+s$], trata de um item identificável tanto para o emissor quanto para o destinatário, é esperado que esse tipo de fonte seja o mais recorrente, uma vez que é o tipo que mais empresta credibilidade a um enunciado. Nos casos em que ocorrem [$+id$, $-s$] ou [$-id$, $+s$], a determinação é parcial, apenas um dos interlocutores reconhece o referente. Tendo isso em vista, a indeterminação do sujeito pode ser parcial do tipo 1 [$+d$; $-s$], parcial do tipo 2 [$-id$; $+s$], ou ser uma indeterminação total, do tipo 3 [$-id$, $-s$]. A seguir exemplos de cada tipo de indeterminação respectivamente, retirados de Teixeira (2014):

a) *Folha*: **Alguém** te avisou sobre a possibilidade de execução?

Archer: Não. Ninguém me avisou de nada. Sei que saiu na imprensa aqui só. (TEIXEIRA, 2014, p. 81)

b) *Erundina*: Já marquei um encontro com **um grupo grande de pessoas** que está um pouco afastada da atividade política desde o meu mandato.

(TEIXEIRA, 2014, p. 84)

c) *Paschoal*: **As pessoas** aplaudem a lei sobre os crimes ambientais. Essa lei é um lixo.

(TEIXEIRA, 2014, p. 105)

O tipo 1 de indeterminação diz respeito a um referente que não é conhecido pelo emissor, mas que se pressupõe que é conhecido pelo receptor. É um tipo comum encontrado em entrevistas, quando se faz uma pergunta, como no exemplo (a) acima. O tipo 2 de indeterminação, por outro lado, apresenta um referente conhecido para o

emissor, mas desconhecido para o receptor, como no exemplo (b). Já o tipo 3 apresenta um referente desconhecido tanto para o emissor quanto para o receptor.

Essas classificações são aplicadas a Subatos, que apresentam os traços de identificabilidade e especificidade. Entretanto, na análise, encontramos, além de exemplos do tipo 3, outra forma de indeterminar a fonte, sem o uso de um Subato. Nesses casos, a indeterminação é marcada pela desinência verbal, logo, não possui um referente para apresentar os traços de $[\pm id]$ e $[\pm s]$. Como o que nos interessa é identificar se a fonte é ou não definida, e não a forma como ocorre essa indefinição, juntamos, em nossa análise as ocorrências do tipo 3 e os casos de indeterminação por desinência verbal na mesma categoria, que chamamos de ‘fonte indefinida’. O quadro a seguir elucida os três tipos de fonte que analisamos:

Quadro 3 – Tipos de fonte

Fonte definida	Apresenta os traços [+d, +s].
Fonte parcialmente definida	Apresenta os traços [-id, +s].
Fonte indefinida	Apresenta os traços [-id, -s] ou indeterminação pela desinência verbal, como em “dizem, sabe-se”.

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir exemplificamos como cada tipo de fonte é encontrado no corpus, definida (27), parcialmente definida (28) e indefinida (29):

- (27) Nesta quinta-feira (31), Jucá **anunciou que** o PMDB receberia o senador, o ministro e outros dissidentes. (FSP – *Poder*)
- (28) Um líder tucano **admite que** a polarização entre PSDB e PT se esgarçou, pelo menos no retrato instantâneo. (FSP – *Poder*)
- (29) Se eu recebo dinheiro de empresa, **dizem que** sou ladrão. Se uso dinheiro público, dizem que vou tirar da saúde. (FSP – *Colunas*)

f) Qualificação da fonte definida

Em uma pré-análise foram encontrados casos em que além da fonte estar definida, era qualificada, apresentando credenciais da fonte, por exemplo, como em (30):

- (30) "Temos esse resultado muito bem documentado na área de tabaco", diz Paula Johns, diretora-executiva da ACT Promoção da Saúde, uma das entidades que buscam a aprovação da medida, que também tem apoio do Inca (Instituto Nacional de Câncer). (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Por essa razão, o critério que identifica a ocorrência de qualificação da fonte foi acrescentado. Com esse critério, os usos dos evidenciais com fonte definida foram observados a fim de termos uma quantificação desse uso e podermos averiguar se esse maior detalhamento da fonte é feito toda vez o falante deseja dar mais credibilidade ao conteúdo. Assim como os demais critérios, a avaliação da qualificação da fonte foi relacionada aos tipos evidenciais e às diferentes seções, para estabelecermos se seu uso é motivado pelo tipo evidencial e/ou pelo diferente estilo de texto.

4.2.2 Critérios semânticos

a) Tipos de verbo de elocução

Nos casos em que os itens reportativo e citativo são introduzidos por um verbo, identificamos os diferentes tipos de verbos de elocução e os classificamos de acordo com a intenção expressa em cada tipo. Martins (1989), em sua obra *Introdução à estilística*, ao descrever o discurso direto e o indireto, propõe uma classificação dos verbos de elocução, essa classificação foi utilizada como base para distinguirmos os verbos encontrados em nosso corpus. A seguir, no Quadro 4, temos a exemplificação de cada tipo encontrado:

Quadro 4 – Tipos de verbos de elocução

1	Verbos de elocução propriamente ditos ou que, pela polissemia, funcionam como elocutivos	Exemplos: dizer, declarar, afirmar, discursar, pregar, listar, etc.
2	Verbos com que o falante considera o enunciado da fonte como resultado de uma atividade mental	Exemplos: pensar, refletir, concluir, opinar, julgar, achar, constatar, criticar, etc.
3	Verbos que indicam que o falante considera o enunciado da fonte como verdadeiro ou falso	Exemplos: confessar, mentir, revelar, reconhecer, admitir, etc.
4	Verbos com que o falante indica que o enunciado da fonte é uma consequência de outro enunciado	Exemplos: negar, responder, replicar, acrescentar, reforçar, etc.
5	Verbos com que o falante indica que a fonte proferiu um enunciado de função apelativa que requer uma ação	Exemplos: perguntar, questionar, pedir, reclamar, mandar, recomendar, exigir, etc.
6	Verbos com que o falante não quis afirmar um fato, apenas levantar uma suposição, uma suspeita	Exemplos: insinuar, sugerir, acreditar, etc.
7	Verbo que indica domínio comum	Exemplo: saber (uso impessoal: sabe-se, é sabido).

Fonte: Elaborado pela autora

Com esse critério, podemos identificar se há um padrão na escolha semântica dos verbos evidências para expressar a reportatividade e a citação, seja por uma preferência por um verbo específico ou pela diferença no nível de comprometimento que os diferentes tipos de verbos apresentados no Quadro 4 podem gerar. Buscamos, com isso, verificar se a escolha do verbo, que pode, por exemplo, demonstrar concordância ou não com o conteúdo relatado, interfere na escolha do subtipo evidencial.

b) Tempo do verbo evidencial

Com a análise do tempo⁷ do verbo evidencial, objetivamos averiguar se há correlação entre o tempo do verbo reportativo e citativo e o tempo do verbo da oração relatada, bem como analisar os efeitos de sentido que decorrem desses diferentes usos. Como um enunciado só pode ser relatado se já tiver sido proferido pela fonte, nesse critério verificamos as ocorrências do tempo presente e dos diferentes pretéritos do verbo evidencial.

- (31) Malafaia -que celebrou o casamento do deputado com sua terceira esposa, quatro anos atrás- hoje **diz** ter predileção por Doria para 2018. (FSP – *Poder*)
- (32) Em zigue-zague, um camburão impedia que os motoristas ultrapassassem o comboio, enquanto um policial **gritava** "saia da célula". (FSP – *Poder*)
- (33) Em entrevista à BBC Mundo, o serviço da BBC em espanhol, Twenge **explicou** que esses jovens cresceram em um ambiente mais seguro e se expõem menos a situações de risco. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (34) Um dia antes, Zé Celso **afirmara à coluna** que o apresentador tinha oferecido a ele uma "espécie de propina" para desistir da disputa. (FSP – *Colunas*)

c) Tempo do verbo da oração reportada ou citada

Nos casos em que o conteúdo reportado ou citado é expresso por uma ou mais orações, analisamos o verbo principal da primeira oração, com o intuito de relacionar com o tempo e modo do verbo evidencial para identificar se o tempo e modo da oração reportada e citada mantêm relação direta com o tempo e modo do verbo evidencial.

- (35) Ministros **defendem** que a colaboração é mais uma maneira de buscar provas. (FSP – *Poder*)

⁷ Em uma primeira análise, verificamos o modo dos verbos elocutivos e confirmamos que todos os casos flexionados são expressos por verbos no modo indicativo, por essa razão não incluímos o modo verbal na análise, pois não há variação.

- (36) Um advogado que rala e conhece a história do Brasil **informa** que, no início do século passado, Rui Barbosa recebia da Light 2.000 contos por mês, equivalentes a 150% do salário de um senador. (FSP – *Colunas*)
- (37) Tanto "Wall Street Journal" como "Financial Times" **noticiam** que o governo Michel Temer anunciou a venda do controle da Eletrobras. (FSP – *Colunas*)
- (38) O alagoano Arthur Lira (PP) **anunciou** em julho, que havia "acabado de obter o empenho" de emendas individuais, para unidades em três cidades do Estado. (FSP – *Poder*)
- (39) Em vez disso, **afirma**, incluirá na peça uma referência à oferta de Silvio. (FSP – *Colunas*)
- (40) Questionado sobre o conteúdo, Funaro **disse** que não poderia comentar. (FSP – *Poder*)
- (41) Segundo Zé Celso, Silvio **dizia**: "Deixa de ser artista, deixa de ser sonhador." (FSP – *Colunas*)

4.2.3 Critérios morfossintáticos

a) Forma de expressão do evidencial

Na busca da identificação da forma de expressão do conteúdo reportado ou citado, classificamos as ocorrências segundo a expressão evidencial seja um verbo, como em (42), ou um conectivo, que pode ser uma preposição (segundo) (43), uma conjunção (conforme) (44) ou uma locução prepositiva (de acordo com) (45):

- (42) Alguns **dizem que** foi a corrupção de uma natureza humana que vivia em eterno equilíbrio no campo. (FSP – *Colunas*)
- (43) **Segundo Edmundo Klotz**, presidente da Abia, devem fazer parte da lista biscoitos, bolos, lácteos e refrigerantes. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (44) Os recursos, agora repassado à Câmara, serão empregados no pagamento de "remuneração de pessoal e encargos sociais e manutenção de serviços administrativos gerais", **conforme o texto do decreto municipal**. (FSP – *Poder*)
- (45) **De acordo com o endoscopista Eduardo Grecco**, a técnica é indicada para pacientes com IMC entre 30 kg/m² e 40 kg/m², mesmo sem comorbidades. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

b) Posição do item evidencial

Além de identificarmos a forma de expressão, verificamos a posição em que esse item evidencial ocorre, antes do conteúdo reportado ou citado (46), introduzido no meio do conteúdo reportado ou citado (47) ou após (48). Com isso, buscamos identificar padrões na ordem de expressão de cada evidencial. Para isso, analisamos a posição dos reportativos e dos citativos, bem como dos itens expressos por verbo ou conectivo, a fim

de verificar se as diferenças estão relacionadas ao tipo evidencial e/ou à forma de expressão desse evidencial.

- (46) O ex-ministro Ciro Gomes (PDT) já **disse que não disputaria com Lula e flerta com a eventualidade de formar chapa com Haddad**. (FSP – *Poder*)
- (47) Por causa disso, ele **diz**, o paciente precisa ser hospitalizado e receber grande quantidade de medicação durante o tempo de espera pelo órgão novo, diferente do que acontece em grandes centros internacionais. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (48) "Não há como enquadrar o caso se for usado o Código de Processo Penal", **diz** o advogado e ex-procurador de Justiça Lenio Streck. (FSP – *Poder*)

c) Forma de expressão do conteúdo relatado

Chamamos genericamente de ‘conteúdo relatado’ o conteúdo reportado ou citado, quando não especificamos se é uma ocorrência de reportatividade ou de citação. Na sequência, o conteúdo relatado é examinado em relação à forma como foi expresso, composto por uma oração ou mais (49), ou por elementos não-oracionais, podendo ser um sintagma nominal (50), uma frase nominal (51) ou elementos adverbiais como ‘sim’ e ‘não’ (52). Os chamados ‘elementos não-oracionais’ foram agrupados em um mesmo critério em virtude do baixo número de ocorrências. O intuito desse critério é investigar se a configuração morfossintática do conteúdo reportado ou citado interfere na adesão ou não do jornalista a esse conteúdo.

- (49) "A reforma política não parece a melhor. O texto aprovou como permanentes questões que deveriam ser transitórias. O texto original era para que o fundo fosse reduzido ao longo do tempo. A sociedade não concorda com esse valor alto. Como permanente, acho muito grave", **disse** Maia, em seminário da FGV, no Rio. (FSP – *Poder*)
- (50) Mas os torcedores do Barça não parecem dispostos a perdoar a saída do atacante, que ainda **foi chamado de "puta do PSG"**. (FSP – *Colunas*)
- (51) "Até bacana, né? Todo mundo com as esposas juntos", afirmou ironicamente. (FSP – *Poder*)
- (52) Pennebaker disse que, em média, um a cada 20 alunos acabou chorando, mas, quando questionados se queriam continuar o experimento, sempre **disseram que sim**. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

d) Número de orações relatadas

Nas ocorrências em que o conteúdo relatado é composto por oração, verificamos se é composto por apenas uma oração, como em (53) ou por múltiplas orações, como em (54). Visamos, com isso, constatar se o falante tem preferência por um dos subtipos

evidenciais quando deseja relatar uma informação mais longa, composta por mais de uma oração.

- (53) "Vai ter troco", disse à Folha Efraim Filho (PB), líder da bancada de 30 deputados, a oitava da Câmara. (FSP – *Poder*)
- (54) "É ali, no [bairro] Príncipe Real, que o juiz brasileiro do Supremo Tribunal Federal e que tem em mãos a Operação Lava Jato comprou casa no ano passado", publica o jornal português. (FSP – *Colunas*)

A partir desses critérios pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, buscamos encontrar padrões específicos que confirmem a validade da distinção das categorias reportatividade e citação na língua portuguesa e verificar os seus diferentes efeitos de sentido no contexto das três seções escolhidas. A descrição da análise das ocorrências é feita no capítulo seguinte.

5 USOS DA EVIDENCIALIDADE REPORTATIVA E CITATIVA NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Neste capítulo, trazemos a descrição do uso dos evidenciais reportativo e citativo nas três seções escolhidas do jornal *Folha de São Paulo*. Após um breve resumo da distribuição quantitativa dos dados no corpus, passamos para a análise das ocorrências, partindo dos critérios pragmáticos para os critérios semântico e morfossintáticos definidos no capítulo anterior.

5.1 A distribuição dos evidenciais no corpus

Como visto no capítulo anterior, o corpus foi constituído por 80KB de texto de cada uma das três seções do jornal *Folha de S. Paulo*. Ao todo, foram encontradas 576 ocorrências de evidenciais, sendo 353 (61,3%) reportativos e 223 (36,7%) citativos. O maior número de reportativos pode ser explicado pela maior liberdade que esse recurso confere ao falante uma vez que o discurso indireto, forma básica de expressão da informação reportada, permite uma adaptação e/ou um resumo da fala da fonte. A distribuição dessas ocorrências por seção é mostrada na Tabela 1:

Tabela 1– Total de ocorrências de reportativos e citativos no corpus por seção

TIPO DE EVIDENCIAL SEÇÃO DO JORNAL	REPORTATIVO	CITATIVO	TOTAL
PODER	157 – 44,5%	76 – 34,1%	233 – 40,5%
EQ. E SAÚDE	121 – 34,3%	94 – 42,1%	215 – 37,3%
COLUNAS	75 – 21,2%	53 – 23,8%	128 – 22,2%
TOTAL	353 – 100%	223 – 100%	576 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

A diferença quantitativa do uso dos evidenciais em cada seção pode ser explicada por diferentes fatores. Como explicitado no Capítulo III desta dissertação, a escolha das diferentes seções do jornal *Folha de São Paulo* foi motivada pela hipótese de que a funcionalidade dos diferentes textos teria consequências para o uso maior ou menor dos evidenciais. A expectativa era a de que *Equilíbrio e Saúde* apresentasse mais citações, com a reprodução direta do conteúdo comunicado pela fonte da informação e com

indicação da fonte definida, como estratégia para aumentar a credibilidade do que é relatado e, ao mesmo tempo, evitar comprometimento do jornalista ao trazer a voz de especialistas. Para os textos sobre política da seção *Poder*, a expectativa era a de que a evidencialidade reportativa fosse a mais frequente, uma vez que não haveria a necessidade de reprodução exata do que foi dito. E para os textos publicados em *Colunas*, a expectativa era a de uma baixa frequência da indicação da fonte da informação, uma vez que esses textos expressam a opinião do próprio enunciador.

Os resultados quantitativos apontados na Tabela 1, analisados verticalmente, confirmam essas hipóteses e mostram interessantes resultados. As seções *Poder* e *Equilíbrio e Saúde*, como já visto, pertencem ao mesmo gênero jornalístico, o gênero notícia, e por isso apresentaram uma frequência total de uso de evidenciais semelhante. Já *Colunas*, seção que não pertence a nenhum gênero fixo, mas apresenta textos mais opinativos, mostrou baixa frequência de evidenciais, uma vez que, nessa seção, a marcação da fonte para validação de uma informação não se faz tão necessária, pois o próprio falante costuma ser a fonte do que é expresso.

Nota-se que o número total de evidenciais nas seções *Poder* e *Equilíbrio e Saúde* foram semelhantes. Além disso, as três seções fizeram mais usos de reportativo; no entanto, ao olharmos para o uso de citativos, temos que esse subtipo apareceu em maior frequência na seção *Equilíbrio e Saúde*. Essa diferença pode ser explicada pelo tema tratado em cada uma dessas seções.

Em *Poder* temos a temática centrada em política. Ao tratar de temas políticos, o jornalista baseia sua fala na fala de terceiros, sem a necessidade de tentar reproduzir a informação exatamente como foi enunciada pela fonte. O objetivo dessa seção é transmitir a informação política da forma mais direta possível, podendo o jornalista resumir a informação para transmitir apenas o que julga ser mais relevante. A intenção principal aqui é transmitir a informação e a fonte da informação, sem a necessidade de transcrição da fala original.

Já em *Equilíbrio e Saúde*, a temática voltada à saúde e ao meio ambiente aproxima o discurso jornalístico do discurso científico. Essa aproximação faz emergir o uso da citação, que garante mais credibilidade à informação relatada, justificando o maior número de citativos nessa seção.

Em relação à seção *Colunas*, é importante considerar que, para totalizar os 80KB de textos, foram colhidas, aleatoriamente, trinta publicações. Do total dessas publicações, vinte e três tinham como tema principal a política, sendo textos bastante opinativos sobre

alguns episódios políticos mais controversos. Os sete demais textos traziam assuntos variados: dois sobre futebol, um sobre o fechamento de um local na cidade do Rio de Janeiro, um sobre a publicação de um livro sobre o fim dos circos nos dias atuais, um sobre o apresentador de TV Chacrinha, um sobre gravidez e um sobre a existência do ser humano. Esse dado sobre a temática mostrou-se um traço importante, pois notamos que os sete textos de temas diversos foram os textos que menos apresentaram uso de evidencial, e, quando houve uso, os evidenciais marcavam principalmente uma fonte não definida, conforme abordaremos mais detalhadamente na análise qualitativa dos dados. Nessas publicações de temas variados, foram encontradas apenas seis ocorrências de reportativo e seis ocorrências de citativo, das 128 encontradas.

Observando ainda a frequência de uso dos evidenciais, um outro dado interessante resulta da análise dos subtipos evidenciais em cada seção, como se vê na Tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Total de evidenciais em cada seção

TIPO DE EVIDENCIAL SEÇÃO DO JORNAL	REPORTATIVO	CITATIVO	TOTAL
PODER	157 – 67,4%	76 – 32,6%	233 – 100%
EQ. E SAÚDE	121 – 56,3%	94 – 43,7%	215 – 100%
COLUNAS	75 – 58,6%	53 – 41,4%	128 – 100%
TOTAL	353 – 61,3%	223 – 38,7%	576 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se que, na seção *Poder*, seção em que os evidenciais são mais usados, há maior discrepância entre o uso do reportativo e do citativo. Nota-se a clara preferência pelo reportativo, uma vez que o tema tratado nessa seção possibilita uma maior liberdade de expressão, pois, embora o falante possa se apoiar na fala de uma terceira pessoa como fonte da informação, a reprodução da totalidade da fala dessa fonte sem alterações dêiticas não se faz tão necessária, como se vê em (55) abaixo:

- (55) Malafaia -que celebrou o casamento do deputado com sua terceira esposa, quatro anos atrás- hoje **diz** ter predileção por Doria para 2018. (FSP – *Poder*)

Na ocorrência (55), era mais relevante, para a construção da argumentação, que o texto trouxesse a informação “Malafaia tem predileção por Doria para 2018” do que

transmitir uma transcrição da totalidade da fala, que poderia prejudicar a fluidez do texto e deixá-lo mais extenso.

Já na seção *Equilíbrio e Saúde*, por se tratar de um tema mais técnico do que o abordado em *Poder*, há uma necessidade maior de o jornalista recorrer à citação. Nessa seção, a busca de uma reprodução da totalidade proferida pela fonte se faz mais necessária do que nas demais seções. Ainda que a citação em geral não seja necessariamente uma transcrição literal da fala da fonte, nessa seção, como a informação veiculada é adquirida muitas vezes de artigos científicos ou de entrevistas com especialistas, trata-se realmente de uma reprodução exata, sendo mais produtivo o uso do citativo nesse contexto. E, como mencionado, embora essa seção exerça o papel de divulgação científica, o jornal *Folha de São Paulo* não tem ligação direta com instituições de pesquisa que emprestem credibilidade suficiente para adaptar a fala da fonte com frequência sem perder a credibilidade. Os principais casos de citativo abordam temas específicos sobre saúde e meio-ambiente, com falas de especialistas, como na ocorrência (56), ou relato de pessoas que passaram pela experiência abordada na publicação, como em (57):

- (56) "Essa é uma descoberta animadora. Nossos próximos passos serão modificar o peptídeo para torná-lo ainda mais eficaz para matar esse vírus", **afirma** Peter Barlow, professor associado de imunologia e infecção da universidade escocesa. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (57) Como no caso de Maria do Socorro de Oliveira, que há um ano descobriu sofrer de artrite reumatoide. "É uma artrite que não tem cura, tem que estar tratando sempre. Ela dá muita dor. Mas como eu gosto muito, eu tomo cortisona e aí eu consigo vir treinar", **contou**. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Já em *Colunas*, não há necessidade dessa mesma precisão na reprodução da fala da fonte, devido ao caráter mais opinativo do texto. Como mencionado, os casos de evidenciais nessa seção foram majoritariamente usados quando o tema da publicação era política, pois embora aqui o texto tenha caráter mais subjetivo, e algumas vezes até um tom sarcástico, os colunistas recorrem a algumas falas proferidas por políticos ou pessoas envolvidas em atos políticos para fazerem seus comentários e observações, como em (58):

- (58) "Quero o meu Brasil de volta!", **exigiam faixas nas manifestações de 2016**. Qual Brasil, cara pálida? O da ditadura? O do analfabetismo? O da escravidão? (FSP – *Colunas*)

Nessa ocorrência, ainda que a temática seja política, fica evidente a diferença na forma de abordagem do tema se comparado à seção *Poder*, em que não se encontra o mesmo teor de informalidade, como o uso da expressão 'cara pálida'. As publicações dessa seção muitas vezes não são feitas por jornalistas, são pessoas convidadas que

comentam diversos temas de forma menos rígida do que nas seções *Poder e Equilíbrio e Saúde*.

Após olhar para essas diferenças quantitativas, comprovamos que a funcionalidade das diferentes seções, sendo de diferentes gêneros – *Poder e Equilíbrio e Saúde* do gênero notícia e *Colunas* sem gênero específico – e abordando diferentes temas, influencia a escolha do evidencial. Devido à importância dessas diferenças, sempre que pertinente, a análise do comportamento dos evidenciais procurará relacioná-los à seção em que ocorreram, com o intuito de verificar a influência dessas diferenças nas escolhas pragmáticas, semânticas e morfossintáticas.

5.2 O comportamento dos evidenciais na amostra

Tendo em vista a filiação dessa investigação a uma abordagem funcionalista da língua em uso, a análise dos dados pautou-se por critérios pragmáticos, semânticos e morfossintáticos. Como mencionado, a seção em que cada evidencial ocorreu foi um critério entrecruzado com todos os outros critérios ao longo da análise, na busca da identificação dos diferentes efeitos de sentido decorrentes do uso dos evidenciais reportativos e citativos nas diferentes seções.

5.2.1 Critérios pragmáticos

Como o critério para a identificação dos evidenciais reportativos e citativos é ancorado na teoria da Gramática Discursivo-Funcional, que entende que esses evidenciais atuam sobre diferentes unidades pragmáticas, o primeiro critério buscou analisar características do complemento dos itens evidenciais: um Conteúdo Comunicado nos casos dos reportativos, em que a informação principal da fala original é transmitida, mas adaptada às palavras do falante (59), e um Ato Discursivo no caso das citações, que apresentam uma estrutura que reproduz a informação tal qual ela foi produzida por outro falante, (60). Embora, como foi visto no Capítulo II, seja possível o reportativo incidir sobre o Subato de Atribuição, não foram encontradas no corpus ocorrências desse tipo.

(59) Após o primeiro dia de escrita, a maioria das pessoas **disse que** remoer o passado as fez se sentir pior. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

- (60) "Vai ter troco", **disse** à Folha Efraim Filho (PB), líder da bancada de 30 deputados, a oitava da Câmara. (FSP – *Poder*)

Seguindo a análise pragmática, examinamos o modo como o falante marca para seu interlocutor que a informação transmitida foi enunciada por outra pessoa: por meio de discurso direto, indireto ou misto. Todas as ocorrências de citativo são feitas com discurso direto, sendo uma característica desse tipo evidencial, como em (61); já os reportativos ficaram divididos em discurso indireto, como em (62) e discurso misto, em que há presença dos dois tipos de discurso, como em (63):

- (61) "Precisávamos dar vazão à demanda", **diz** a endocrinologista Eliziane Leite, que coordena o centro. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (62) Roberto Veloso, presidente da Ajufe (Associação dos Juízes Federais do Brasil), condenou a declaração de Gilmar e **disse que** toda a magistratura se sentiu ofendida. (FSP – *Poder*)
- (63) Com a regra em vigor, ele **diz que** os partidos são forçados a lançar dezenas de candidatos sem votos, "que não sabem nem fazer prestação de contas". (FSP – *Colunas*)

O maior número de reportativos ocorreu com o discurso indireto, configurando 80% dos casos, enquanto o discurso misto apareceu em apenas 20% dessas ocorrências. Embora tenha sido menos empregado, esse tipo de discurso ainda aparece com certa recorrência nos casos em que o falante quer se descomprometer ainda mais com um trecho em particular, como na ocorrência acima.

Para verificarmos os efeitos de sentido decorrentes desses diferentes usos, analisamos essas ocorrências por seção, encontrando o seguinte resultado:

Tabela 3 – Tipo de discurso por seção

TIPO DE DISCURSO SEÇÃO DO JORNAL	DIRETO	INDIRETO	MISTO	TOTAL
PODER	76 – 32,62%	123 – 52,79%	34 – 14,59%	233 – 100%
EQ. E SAÚDE	94 – 43,72%	105 – 48,84%	16 – 7,44%	215 – 100%
COLUNAS	53 – 41,41%	52 – 40,62%	23 – 17,97%	128 – 100%
TOTAL	223 – 38,71%	280 – 48,61%	73 – 23,68%	576 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

O discurso indireto foi a forma mais empregada nas seções *Poder* e *Equilíbrio e Saúde*, uma vez que esse tipo de discurso garante mais fluidez ao texto, diferentemente

do discurso direto, que pode gerar uma quebra indesejada no fluxo do texto. Apesar desse efeito de quebra que pode ser gerado pelo discurso direto, essa forma de relatar a fala de terceiros foi amplamente utilizada, especialmente em *Equilíbrio e Saúde* e em *Colunas*, pois eleva a credibilidade daquela informação e/ou aumenta o descomprometimento do jornalista ou articulista com aquele conteúdo. O discurso misto, por sua vez, é usado somente em casos especiais em que se deseja aumentar o descomprometimento com um trecho específico, e, por isso, não é a forma mais comum de relatar um conteúdo.

Embora o discurso indireto tenha sido empregado em todas as seções, sua ocorrência foi mais significativa na seção *Poder*, correspondendo a mais da metade dos casos. Diferentemente do que ocorre na seção *Equilíbrio e Saúde*, em que a manutenção da forma da fala original ajuda a agregar credibilidade à informação veiculada, na seção *Poder* a indicação da fonte da informação já é suficiente para assegurar a credibilidade ou para transferir responsabilidade sobre o dito. Como muitas vezes essa informação foi obtida por meio de entrevistas, pronunciamentos ou notas, é comum que, além da fonte, seja indicado o modo como a informação foi obtida, sem a reprodução exata da fala original, como pode ser visto na ocorrência (64).

- (64) Em nota, o ministério afirmou ainda **que**, como Meirelles mora em Brasília, os voos para São Paulo não podem ser contabilizados como retorno à residência do ministro. (FSP – *Poder*)

Nesses casos, o conteúdo da mensagem é o mais importante, não sendo tão relevante transmitir essa mensagem por meio de reprodução exata.

Visto que o discurso direto é o tipo de discurso que mais gera credibilidade, pois encena uma reprodução exata do enunciado da fonte, essa forma de expressão foi bastante utilizada em *Equilíbrio e Saúde*, seção que publica notícias do mundo científico e, logo, precisa garantir ainda mais a fidedignidade da informação, apoiando-se na transcrição literal. Nessa seção, o papel do jornalista é o de divulgar descobertas científicas, descobertas em áreas que não são do seu domínio e, logo, ele precisa se apoiar na reprodução do especialista no assunto para garantir a credibilidade necessária. Além disso, uma má interpretação de uma questão relacionada à saúde pública, por exemplo, poderia resultar em problemas diretos para o leitor, o que justifica o elevado número de discurso direto nessa seção, como é possível ver na ocorrência (65):

- (65) "Entendemos que o modelo possui pontos positivos, pois foca-se no risco nutricional do alimento ao enfatizar o elevado conteúdo de nutrientes negativos associados ao

desenvolvimento de doenças crônicas", **informa** a Anvisa, que ainda estuda modelos de diferentes países antes de elaborar uma proposta. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Já o discurso misto, recurso menos empregado, aparece nos casos em que o falante quer aumentar seu descomprometimento com uma passagem específica do conteúdo reportado, como na ocorrência (66). Em alguns casos, além de marcar esse maior distanciamento por meio do discurso misto, o falante faz uso de outro evidencial, distanciando-se ainda mais do trecho específico, como mostra a ocorrência (67).

- (66) Com a regra em vigor, ele **diz que** os partidos são forçados a lançar dezenas de candidatos sem votos, "que não sabem nem fazer prestação de contas". (FSP – *Colunas*)
- (67) Roberto Veloso, presidente da Ajufe (Associação dos Juizes Federais do Brasil), condenou a declaração de Gilmar e **disse que** toda a magistratura se sentiu ofendida. Para ele, Gilmar faz coro ao que **chamou de** "processo de intimidação de juizes". (FSP – *Poder*)

Em *Colunas*, houve uma maior variação dos discursos empregados quando comparado às demais seções. Nessa seção, as publicações não precisam ter caráter noticioso, como em *Poder e Equilíbrio e Saúde*, isso faz com que os colunistas escrevam sobre temas mais polêmicos ou de forma mais polêmica do que nas demais seções. Essa característica pode justificar a maior proporção de discurso misto nessas publicações, que é utilizado justamente para se descomprometer mais de um trecho específico, como pode ser confirmado em (68) abaixo:

- (68) Alvo de três denúncias por corrupção em sete dias, ele reagiu de forma inusitada: em vez de se defender das acusações, **sugeriu que** o chefe da Lava Jato teria "fetiche" em seu bigode. (FSP – *Colunas*)

A ocorrência (68) acima é um exemplo da forma como os textos são publicados em *Colunas*, que embora aborde a temática política, ao tratar da operação Lava Jato, relata o acontecimento com enfoque em uma fala mais descontraída, diferentemente do que acontece em *Poder*. Além disso, podemos notar as diferenças nas duas seções ao comparar o grau de informalidade que existe nos textos de *Colunas*, que pode ser observado na escolha do título da publicação da ocorrência (68): “Fetiche no bigode” e no trecho inicial da publicação transcrito a seguir:

- (69) Se eles tivessem combinado, não sairia melhor. No mesmo dia, Michel Temer, Renan Calheiros e Romero Jucá atacaram o Ministério Público Federal. O alvo dos peemedebistas foi um só: o procurador-geral da República, Rodrigo Janot. (FSP – *Colunas*)

Seguindo a análise pragmática, identificamos os tipos de fonte utilizados com cada evidencial. Visamos, com isso, avaliar se a definição ou não da fonte interfere na escolha entre reportativo e citativo. A Tabela 4 a seguir mostra o número de ocorrências de fonte definida, parcialmente definida e indefinida com cada evidencial.

Tabela 4 – Tipo de evidencial com tipo de fonte

FONTE	DEFINIDA	PARCIALMENTE DEFINIDA	INDEFINIDA	TOTAL
EVIDENCIAL				
REPORTATIVO	319 – 90,37%	21 – 5,95%	13 – 3,68%	353 – 100%
CITATIVO	212 – 95,07%	8 – 3,59%	3 – 1,34%	223 – 100%
TOTAL	531 – 92,2%	29 – 5,0%	16 – 2,8%	576 – 100%

Fonte: Elaboradora pela autora

A fonte definida, que apresenta os traços [+id, +s], foi a forma mais empregada, uma vez que, no discurso jornalístico, é mais comum utilizar reportativo e citativo com a intenção de dar credibilidade à mensagem e não a colocar como genérica e indeterminada. Temos em (70) uma ocorrência de reportativo com fonte definida e em (71) uma ocorrência de citativo com fonte definida.

- (70) **De acordo com o endoscopista Eduardo Grecco**, a técnica é indicada para pacientes com IMC entre 30 kg/m² e 40 kg/m², mesmo sem comorbidades. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (71) "A discussão não é sobre a indenização em si, mas, sim, os juros que corrigem essa conta", **afirma Sérgio Malta, presidente do conselho de energia elétrica da Firjan**. (FSP – *Colunas*)

Relacionamos esses usos a cada seção a fim de verificar a influência desses diferentes gêneros e temas na escolha da fonte, como pode ser visto na Tabela 5 abaixo:

Tabela 5 – Tipo de fonte por seção

FONTE	DEFINIDA	PARCIALMENTE DEFINIDA	INDEFINIDA	TOTAL
SEÇÃO				
PODER	220 – 94,42%	13 – 5,58%	0 – 0%	233 – 100%
EQ.E SAÚDE	204 – 94,88%	11 – 5,12%	0 – 0%	215 – 100%
COLUNAS	107 – 83,59%	5 – 3,91%	16 – 12,50%	128 – 100%
TOTAL	531 – 92,2%	29 – 5,0%	16 – 2,8%	576 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Os casos de fonte parcialmente definida apareceram em números baixos nas três seções. Esse tipo de fonte foi usado quando não era importante especificar a fonte exata

da informação, apenas elucidar que a fonte da informação não era o falante, como nas ocorrências a seguir de cada seção, em que essa ideia é mais facilmente observada na ocorrência (74), na qual foi feito uso do citativo e da fonte parcialmente definida, com emprego da transcrição exata da fala da fonte:

- (72) **Segundo envolvidos nas negociações**, o empresário confirmará que, na ocasião, eles trataram de pagamento de propina, mas deixará claro que isso aconteceu longe das esposas. (FSP – *Poder*)
- (73) **De acordo com uma hipótese**, as bactérias da placa bacteriana ou saliva poderia acabar na corrente sanguínea. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (74) Michel Temer segue um pote até aqui de mágoas em relação ao procurador-geral, Rodrigo Janot. Em conversa recente, disse, **segundo relatos**: "Não vou esquecer, não vou perdoar esse sujeito". (FSP – *Colunas*)

Os 16 únicos casos de fonte indefinida apareceram na seção opinativa, *Colunas*, uma vez que é a única seção em que não se faz necessário o apoio em uma fonte específica para validar a credibilidade do texto.

- (75) **Dizem os entendidos** que derrotas ensinam mais que vitórias. (FSP – *Colunas*)

Como foi mencionado, das trinta publicações que foram extraídas de *Colunas* para compor nosso corpus, vinte e três apresentam temática política, e apenas sete abordaram temas diversos como televisão, futebol, gravidez etc. Dentre as 16 ocorrências de fonte indeterminada encontradas em todo o corpus, 8 (50%) apareceram nesses textos de temáticas diversas. Como pode ser visto na ocorrência abaixo que comentava a saída do jogador Neymar do time espanhol Barcelona:

- (76) Mas os torcedores do Barça não parecem dispostos a perdoar a saída do atacante, que ainda **foi chamado de** "puta do PSG". (FSP – *Colunas*)

Além disso, mesmo quando a fonte indefinida ocorreu em publicação com tema político, apareceu nos casos em que a informalidade presente nessa seção ficou mais explícita, como na ocorrência a seguir de autoria do comediante Gregório Duvivier, ao comentar sarcasticamente as atitudes do então deputado federal Jair Bolsonaro:

- (77) **O pessoal diz que** o Bolsonaro é radical, que ele odeia gays, mulheres e negros. Isso tudo é meio radical, mesmo. Vocês têm razão. Mas a gente esquece que do outro lado tem muitos

gays que insistem em ser gays, mesmo sabendo que isso incomoda. Será que a homossexualidade também não seria uma forma de radicalismo? (FSP – *Colunas*)

A fonte indefinida é mais comumente utilizada com o reportativo, como na ocorrência (77) acima. Os casos em que a fonte indefinida foi utilizada com um citativo foram casos nos quais a informação foi dada como compartilhada, como um dito popular (78), ou casos como (79), em que se sabe exatamente a forma como a pessoa foi chamada, mas não se sabe quem exatamente falou, até porque, nesse caso, não foi apenas uma pessoa, cabendo, assim, o uso da transcrição literal mesmo sem identificar a fonte, que, nesse contexto, não é marcada.

- (78) Há assunto e conhecimento, enfim, para montar toda uma Universidade do Circo; seria – **como dizem nos espetáculos**– "uma coisa única no mundo". (FSP – *Colunas*)
- (79) Neymar caiu em desgraça na Espanha, não apenas entre os torcedores, mas também entre os jornalistas, e será julgado porque resolveu que era hora de mudar. **Foi chamado de** vendido e mercenário. (FSP – *Colunas*)

Nas ocorrências de fonte definida, pudemos observar também que é comum a identificação mais especificada dessa fonte, como em (80), aumentando ainda mais a qualificação dessa fonte de conhecimento.

- (80) "A lógica de cada parlamentar ter o direito de colocar [a verba] onde quiser, geralmente em seu curral eleitoral, é absurda. Desobriga a pelo menos ter de convencer os colegas de que aquilo é importante", **diz o doutor em direito público Eduardo Mendonça, professor do Centro Universitário de Brasília**. (FSP – *Poder*)

Em diversos dos casos em que o jornalista optou por qualificar a fonte, como em (80), foram dadas as credenciais dessa fonte a fim de aumentar a credibilidade daquela informação. Ao descrever que quem proferiu aquela frase foi um “doutor em direito público” e “professor do Centro Universitário de Brasília”, o jornalista aumenta a credibilidade da informação transmitida, que é tida como mais confiável.

Mostramos a seguir a relação da qualificação da fonte com cada subtipo evidencial:

Tabela 6 – Qualificação da fonte definida com tipo de evidencial

Fonte	QUALIFICADA	NÃO QUALIFICADA	TOTAL
EVIDENCIAL			
REPORTATIVO	41 – 12,85%	278 – 87,15%	319 – 100%
CITATIVO	40 – 18,87%	172 – 81,13%	212 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Nesse critério, o comportamento dos reportativos e citativos foi semelhante, ambos recorrendo mais à não qualificação da fonte. Vale ressaltar que, em alguns casos, a fonte não foi qualificada, porque, anteriormente no texto, essa qualificação já havia sido feita, e, nessa análise, contabilizamos apenas os casos em que a qualificação vinha diretamente ligada ao evidencial. A maioria do uso de fonte não qualificada é justificada por nem sempre o jornalista precisar se apoiar nas credenciais da fonte para transmitir a informação. Além dos casos em que a qualificação da fonte é dada previamente, antes do uso de discurso reportado ou citado. Outra razão que faz com que os jornalistas não qualifiquem a fonte é o caso de aquela fonte já ser amplamente conhecida pelo público, não exigindo especificação, como em (81).

(81) Questionado sobre quem critica o prefeito em seu nome, Bolsonaro afirmou que "a internet não tem controle" e se mostrou desconfiado com seus supostos escudeiros. (FSP – *Poder*)

Na ocorrência acima, a fonte da informação era o então deputado federal Jair Bolsonaro, que no período dessa publicação já era conhecido pelo público, dispensando qualificações que especifiquem quem ele é.

Apesar do comportamento da qualificação ou não da fonte não ter variado muito em relação ao subtipo evidencial, houve variação entre as seções analisadas, como temos na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7 – Seção com qualificação da fonte

SEÇÃO \ FONTE	QUALIFICADA	NÃO QUALIFICADA	TOTAL
PODER	21 – 9,54%	199 – 90,46%	220 – 100%
EQ. E SAÚDE	45 – 22,06%	159 – 77,94%	204 – 100%
COLUNAS	15 – 14,02%	92 – 85,98%	107 – 100%
TOTAL	81 – 15,25%	450 – 84,75%	531 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Como *Colunas* é a seção em que o colunista tem mais liberdade para falar de assuntos variados, inclusive sobre temas políticos e ambientais, que são temas abordados em *Poder* e *Equilíbrio e Saúde*, respectivamente, foram justamente nos casos em que o tema da coluna era política e política relacionada ao meio ambiente que encontramos casos de qualificação da fonte nessa seção, como pode ser visto em (82) e (83):

- (82) "Podemos assistir a uma nova corrida do ouro, como aconteceu em Serra Pelada", alerta o ambientalista Nilo D'ávila, diretor do Greenpeace. (FSP – *Colunas*)
- (83) É o caso, por exemplo, de Mitch McConnell, líder da maioria no Senado, que se desentendeu com o presidente e acaba de dizer que duvida que Trump possa salvar sua administração. (FSP – *Colunas*)

Esse comportamento comprova a influência do tema na escolha da qualificação da fonte, uma vez que só foram encontrados casos de fonte definida qualificada em *Colunas* quando a ocorrência abordava os mesmos temas encontrados nas seções *Poder e Equilíbrio e Saúde*.

Em *Poder*, por sua vez, a qualificação da fonte foi feita principalmente quando o jornalista trazia uma fonte nova, que não é esperado que seja conhecida pelo público como a ocorrência (81) acima, e em casos em que é trazida a opinião de um especialista, como em (84):

- (84) **Para Pedro Estevam Serrano**, professor da PUC-SP, as notícias até agora sobre o caso de Gilmar não mostram "nada que pareça ir além de uma relação superficial". (FSP – *Poder*)

Outro fator que justifica o baixo número de fontes qualificadas nessa seção é por ser comum a repetição das fontes, que após serem qualificadas uma vez, não há necessidade de serem qualificadas novamente. Esse comportamento é diferente de *Colunas*, pois tem-se em *Colunas* publicações mais curtas que não utilizam tanto a reportatividade ou a citação, aumentando assim a proporção de fonte qualificada, pois essa fonte não será repetida tantas vezes como nas demais seções.

Já em *Equilíbrio e Saúde*, foram encontrados a maioria dos casos de fonte qualificada. Isso porque essa seção é responsável por trazer ao público novidades científicas relacionadas à saúde e ao meio ambiente, sendo a qualificação da fonte, que se espera ser um especialista, fundamental para garantir a credibilidade daquela informação, como em (85) abaixo.

- (85) O ideal, **dizem Descalzo e seu colega endocrinologista Bruno Halpern**, vice-presidente da Federação Latino-Americana de Obesidade, seria que todos os remédios, inclusive os inibidores recém-liberados por lei, tivessem um período de um ano ou mais de estudos, com milhares de pacientes, mas o problema é que ninguém quer investir milhões de reais em pesquisas. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

A ocorrência acima foi retirada de uma publicação sobre o crescimento das cirurgias bariátricas no país. Para poder falar desse fenômeno com mais propriedade, o

jornalista recorre diversas vezes ao uso dos evidenciais e à qualificação de sua fonte, garantindo a confiabilidade daquela informação.

Os critérios analisados até o momento foram essencialmente pragmáticos. Passamos agora para os critérios semânticos.

5.2.2. Critérios semânticos

O verbo é a forma mais comum de expressar reportatividade e citação em línguas que marcam essas categorias lexicalmente, como bem aponta Martinez Cairo (2006) em sua análise da língua inglesa e espanhola. Por essa razão, consideramos relevante fazer uma análise semântica da escolha desses verbos evidenciais, com intuito de verificar se há diferenças entre a expressão dos itens reportativos e citativos.

Para facilitar a visualização da ocorrência desses verbos exposta na Tabela 8, enumeramos, no quadro a seguir, os tipos de verbos encontrados no corpus, classificados segundo o trabalho de Martins (1989). Essa classificação é aqui repetida, para comodidade do leitor:

Quadro 5 – Tipos de verbos de elocução encontrados no corpus

1	Verbos de elocução propriamente ditos ou que, pela polissemia, funcionam como elocutivos	Exemplos: dizer, declarar, afirmar, discursar, pregar, listar
2	Verbos com que o Falante considera o enunciado da fonte como resultado de uma atividade mental	Exemplos: pensar, refletir, concluir, opinar, julgar, achar, constatar, criticar
3	Verbos que indicam que o Falante considera o enunciado da Fonte como verdadeiro ou falso	Exemplos: confessar, mentir, revelar, reconhecer, admitir
4	Verbos com que o Falante indica que o enunciado da Fonte é uma consequência de outro enunciado	Exemplos: negar, responder, replicar, acrescentar, reforçar
5	Verbos com que o falante indica que a Fonte proferiu um enunciado de função apelativa que requer uma ação	Exemplos: perguntar, questionar, pedir, reclamar, mandar, recomendar, exigir
6	Verbos com que o Falante não quis afirmar um fato, apenas levantar uma suposição, uma suspeita	Exemplos: insinuar, sugerir, acreditar
7	Verbos que indicam domínio comum	Exemplo: saber (uso impessoal: sabe-se, é sabido).

Fonte: Elaborado pela autora, a partir da classificação de Martins (1989)

A distribuição desses verbos segundo o subtipo de evidencial foi a seguinte:

Tabela 8 – Semântica do verbo evidencial

VERBO	1	2	3	4	5	6	7	TOTAL
EVIDENCIAL								
REPORTATIVO	203 – 78,47%	29 – 11,15%	9 – 3,08%	8 – 3,08%	5 – 1,92%	5 – 1,92%	1 – 0,38%	260 – 100%
CITATIVO	184 – 84,93%	22 – 10,045%	0 – 0%	8 – 2,74%	5 – 2,283%	0 – 0%	0 – 0%	219 – 100%
TOTAL	387 – 81,42%	51 – 10,65%	9 – 1,67%	16 – 2,92%	10 – 2,09%	5 – 1,04%	1 – 0,21%	479 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Os verbos do tipo 1, elocutivos ou que, pela polissemia, funcionam como verbos elocutivos, foram os mais utilizados, pois é a forma mais neutra de o falante indicar que não é a fonte do enunciado, como na ocorrência (86).

- (86) Fernando Bezerra **disse** a aliados nesta tarde que a questão não está resolvida e que as portas com o DEM ainda não estão fechadas. (FSP – *Poder*)

Os verbos desse tipo foram os mais utilizados em ambos os evidenciais, mas a pequena diferença entre citativos e reportativos pode ser explicada pela forma mais fixa da citação, que limita os usos de alguns tipos de verbos, enquanto a reportatividade confere mais liberdade à elaboração da mensagem, possibilitando uma maior intervenção do falante até mesmo para marcar seu posicionamento, fazendo com que o jornalista recorra aos outros tipos de verbos, como é o caso dos verbos dos tipos 3 (87) e 6 (88).

- (87) Um líder tucano **admite** que a polarização entre PSDB e PT se esgarçou, pelo menos no retrato instantâneo. (FSP – *Poder*)
- (88) Alvo de três denúncias por corrupção em sete dias, ele reagiu de forma inusitada: em vez de se defender das acusações, **sugeriu** que o chefe da Lava Jato teria "fetiche" em seu bigode. (FSP – *Colunas*)

Já os verbos do tipo 2, que indicam que o falante entende a fala da fonte como resultado de um cálculo mental, ainda que em baixo número, foram o segundo tipo mais utilizado com os dois subtipos evidenciais, pois, assim como os verbos elocutivos propriamente dito, não expressam a opinião do falante, indicam apenas que a fonte proferiu aquele enunciado após um julgamento mental, como em (89).

- (89) "Isso vai tirar um pouco do charme que o marketing tenta atribuir a esses produtos", **avalia** Carlos Monteiro, do departamento de nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Como os verbos do tipo 4, que expressam que aquele enunciado é consequência de outro enunciado, e do tipo 5, que indicam que a fonte proferiu um enunciado de função apelativa, também não caracterizam uma opinião do jornalista, cabe o uso da reportatividade e da citação da mesma forma, como em (90) e (91):

- (90) Quando uma das integrantes diz: "Consegui a anfepramona em uma farmácia de manipulação!", outra **responde**: "Você sentiu que é a verdadeira?". (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (91) Em 1986, o professor de Psicologia James Pennebaker descobriu algo extraordinário, que inspirou uma geração de pesquisadores a fazer centenas de experimentos. Ele **pediu** a estudantes **que** passassem 15 minutos escrevendo sobre o maior trauma de suas vidas ou, caso não tivessem passado por um, sobre o momento mais difícil que viveram. (FSP – *Poder*)

Os verbos do tipo 6, que indicam que a fonte não quis afirmar um fato, apenas levantar uma suspeita, já apresentam, ainda que de forma sutil, a opinião do falante. Por essa razão, apareceu apenas com a reportatividade, que garante mais liberdade ao texto, como na ocorrência (92):

- (92) Pennebaker **acredita que** o simples ato de rotular seus sentimentos e colocá-los em uma história pode afetar o sistema imune de alguma forma. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Já os verbos do tipo 7 (93) indicam um conhecimento compartilhado por todos, uma informação que é entendida como sendo de domínio comum, e não ocorre em grande quantidade no corpus, pois não é o intuito do discurso jornalístico basear-se no senso comum. Esse tipo de evidencial, introduzido pelo verbo *saber*, é usualmente expresso por meio da reportatividade, que permite que a informação seja veiculada sem a indicação clara da fonte e sem a necessidade de a mensagem ser transmitida de forma “exata”, como na citação.

- (93) **Sabe-se** que a dinastia comunista dos Kim tem um parafuso solto, mas vale a pena olhar para o lado dos EUA, sobretudo numa hora em que o país é governado por Trump. (FSP – *Colunas*)

A diferença semântica dos verbos empregados pode indicar maior ou menor comprometimento do falante com a fala da fonte. Em (86), por exemplo, o grau de comprometimento é mais neutro do que em (87), em que o uso do verbo “admitir” denota uma concordância do falante com o conteúdo reportado em questão.

Em alguns casos, o valor evidencial é reforçado por outro verbo de dizer, em que o primeiro verbo de dizer introduz o conteúdo comunicado pela fonte e o segundo, a atitude da fonte, de certeza, como em (94), e de insistência, como em (95). Esse reforço do valor evidencial também pode ocorrer com um verbo e um conectivo, como em (96), em que o valor evidencial do conectivo é reforçado pelo verbo de dizer ao final.

- (94) "Depois que nós aprovamos aqui no Congresso Nacional a chamada delação premiada, não existem mais presos, existem delatores que dizem que doaram na época e dizem agora: 'doei por causa da condição A, condição B'", **disse**, afirmando que [O PRESIDENTE DO SENADO] a volta das doações empresariais poderia dificultar ainda mais o cenário político em meio à Operação Lava Jato. (FSP – *Poder*)
- (95) A reação explodiu porque o programa **disse** e repetiu coisas como "o PSDB errou", sem explicitar os erros, mas sugerindo estarem na adesão à troca de favores típica do "presidencialismo de cooptação". (FSP – *Colunas*)
- (96) **Para Michele Lessa**, coordenadora de alimentação e nutrição do Ministério da Saúde, é preciso criar "ambientes" que facilitem escolhas saudáveis, restringindo a oferta de alimentos ultraprocessados –assim como ocorreu com o cigarro na lei antifumo, diz. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Em virtude do alto número de ocorrências com verbos do tipo 1 – elocutivos ou que funcionam como elocutivos – verificamos quais foram esses verbos e com que frequência cada um ocorreu. Dos 387 verbos elocutivos encontrados, os dois verbos mais frequentes foram justamente os verbos propriamente elocutivos: “dizer” e “afirmar”. Foram encontradas 208 ocorrências do verbo “dizer” e 87 do verbo “afirmar”. Em sua análise, Martínez Caro (2006) também encontrou predominância dos verbos “say” em “decir”, que são equivalentes ao verbo “dizer” em português. Os demais verbos elocutivos ou que funcionam como verbos elocutivos aparecem em baixo número, como pode ser visto na tabela abaixo, que especifica a seção em que cada verbo ocorreu:

Tabela 9 – Verbos de elocução ou que pela polissemia funcionam como verbos elocutivos

SEÇÃO VERBO	PODER	COLUNAS	EQ. E SAÚDE	TOTAL
DIZER	87 – 41,63%	49 – 23,44%	73 – 34,93%	209 – 100%
AFIRMAR	35 – 40,23%	20 – 22,99%	32 – 36,78%	87 – 100%
MOstrar	0 – 0%	0 – 0%	8 – 100%	8 – 100%
CONTAR	0 – 0%	1 – 14,23%	6 – 85,71%	7 – 100%
EXPLICAR	0 – 0%	0 – 0%	7 – 100%	7 – 100%
ESCREVER	4 – 66,68%	1 – 16,66%	1 – 16,66%	6 – 100%
FALAR	2 – 40%	2 – 40%	1 – 20%	5 – 100%
INFORMAR	1 – 20%	4 – 80%	0 – 0%	5 – 100%
ANUNCIAR	2 – 50%	2 – 50%	0 – 0%	4 – 100%

Tabela 9 – Verbos de elocução ou que pela polissemia funcionam como veros elocutivos
(conclusão)

SEÇÃO VERBO	PODER	COLUNAS	EQ. E SAÚDE	TOTAL
RELATAR	1 – 25%	1 – 25%	2 – 50%	4 – 100%
APONTAR	0 – 0%	1 – 25%	3 – 75%	4 – 100%
DESTACAR	3 – 100%	0 – 0%	0 – 0%	3 – 100%
RESUMIR	0 – 0%	2 – 66,67%	1 – 33,33%	3 – 100%
CHAMAR	1 – 33,33%	2 – 66,67%	0 – 0%	3 – 100%
CONTINUAR	1 – 50%	0 – 0%	1 – 50%	2 – 100%
DEFINIR	1 – 50%	1 – 50%	0 – 0%	2 – 100%
DECLARAR	0 – 0%	2 – 100%	0 – 0%	2 – 100%
DESCREVER	1 – 50%	1 – 50%	0 – 0%	2 – 100%
COMENTAR	0 – 0%	0 – 0%	2 – 100%	2 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se que, ainda que em baixo número, os demais verbos apresentaram comportamento diferente em cada seção. Os verbos ‘mostrar’ e ‘explicar’, por exemplo, aparecem oito e sete vezes, respectivamente, na seção *Equilíbrio e Saúde*, mas não aparecem em *Poder* ou em *Colunas*. Isso porque o verbo ‘mostrar’ foi utilizado principalmente para indicar resultados de estudos, fonte importante para transmissão de conhecimento sobre saúde, como em (97), e o verbo explicar, para detalhar explicações de especialistas, como em (98):

- (97) Alguns estudos **mostram** que no início alguns pacientes experimentam um aumento dos níveis de colesterol, e que vem uma queda nos meses seguintes. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (98) O especialista **explica** que a dieta cetogênica inclui o consumo de muitas carnes (entre elas, processadas), ovos, salsichas, queijos, pescado, nozes, manteiga, azeite, sementes e verduras fibrosas. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Esses verbos elocutivos, embora tenham variado em relação à seção em que ocorrem, como visto na Tabela 9, não apresentaram diferenças quanto à utilização como item reportativo ou citativo, apontando que todos esses verbos do tipo 1 servem ao encaixamento de um Ato ou de um Conteúdo Comunicado.

Para uma análise mais detalhada dos verbos evidenciais, verificamos o modo e o tempo que esses verbos aparecem flexionados. A tabela a seguir mostra o uso desses tempos com cada subtipo evidencial, o número total de verbos evidenciais, 479 ocorrências, não é o número total de verbos flexionados, 467 ocorrências. Isso ocorre porque os demais 12 verbos que não apareceram flexionados foram ocorrências de

gerúndio (99) e infinitivo (100). O baixo número de formas nominais se deve ao fato de que, nesses textos, o falante procura pontuar a fala da fonte, efeito mais comumente atingido com verbos flexionados no passado e no presente do modo indicativo, único modo utilizado em todas as ocorrências.

(99) O procurador-geral pediu a suspeição de Gilmar Mendes para julgar Barata **alegando** que os dois são próximos e têm relações familiares. (FSP – *Colunas*)

(100) Eremildo é um idiota e ficou feliz ao ouvir Michel Temer **dizer** que "o governo não mente para o povo brasileiro". (FSP – *Colunas*)

Tabela 10 – Tempo do verbo evidencial

TEMPO	PRESENTE	PRET. PERF.	PRET. IMPERF.	PRET. + Q PERF.	TOTAL
EVIDENCIAL					
REPORTATIVO	145 – 57,78%	102 – 40,64%	2 – 0,79%	2 – 0,79%	251 – 100%
CITATIVO	137 – 63,42%	74 – 34,27%	5 – 2,315%	0 – 0%	216 – 100%
TOTAL	282 – 60,38%	176 – 37,68	7 – 1,5%	2 – 0,43%	467 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Como pode ser observado na tabela, o presente foi o tempo mais utilizado com ambos os evidenciais. Uma justificativa para o amplo uso do verbo no presente pode ser encontrada nos diferentes valores que esse tempo apresenta. Como aponta Fiorin (1996), o tempo presente marca a coincidência do momento de referência (MR) com o momento de enunciação (ME). É necessário considerar, no entanto, que o momento de referência pode variar em extensão e a concomitância com o momento de enunciação pode acontecer em qualquer ponto do momento de referência em questão, podendo também englobar esse momento de referência. Com isso, Fiorin (1996) elenca três possibilidades de uso do presente, que apresentam diferentes relações entre MR e ME: i) o presente pontual, que implica a coincidência de MR e ME, uso prototípico do presente; ii) o presente durativo, em que o momento de referência é mais longo do que o momento de enunciação; essa duração pode variar, sendo curta ou longa, mas coincide em algum momento com o ME; e iii) o presente omnitemporal ou gnômico, em que o momento de referência é ilimitado, utilizado principalmente para expressar verdades permanentes.

Como a reportatividade e a citação são obrigatoriamente a transmissão de uma informação já enunciada antes do momento em que é relatada, identificamos também diversas ocorrências com o uso dos pretéritos. Lembramos que, devido à possível

variação do MR, uma ocorrência com o verbo conjugado no presente também se refere, em nossas ocorrências, a um momento anterior à fala, mas concomitante com o MR. Analisamos ainda a distribuição dos tempos utilizados por seção, como exposto na Tabela 11:

Tabela 11 – Tempo do verbo evidencial por seção

TEMPO SEÇÃO	PRESENTE	PRET. PERF.	PRET. IMPERF.	PRET. + Q PERF.	TOTAL
PODER	68 – 35,98%	120 – 63,49%	1 – 0,53%	0 – 0%	189 – 100%
EQ. E SAÚDE	136 – 81,93%	28 – 16,87%	1 – 0,6%	1 – 0,6%	166 – 100%
COLONAS	78 – 69,64%	28 – 25%	5 – 4,46%	1 – 0,9	112 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se um maior número de verbos no presente em *Equilíbrio e Saúde*, enquanto a seção *Poder* recorre mais à marcação no passado. Isso se deve ao foco temático de cada uma dessas seções. Em *Equilíbrio e Saúde*, é recorrente a utilização da categoria para tratar de temas relacionados à saúde e ao ambiente, e, normalmente, esses fatos permanecem sendo verdades no momento da fala, indicando um MR duradouro, como na ocorrência (101).

(101) A homeopatia também não encontra respaldo. "Pode servir para outras coisas, mas não para tratar a obesidade", **afirma** Cintia Cercato. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Ao utilizar o presente nessa ocorrência, o jornalista expressa a opinião de “Cintia Cercato”, especialista no assunto. O presente aqui, marca uma fala que, embora tenha acontecido no passado, pois uma fala só pode ser reportada se já tiver sido proferida anteriormente, continua sendo verdade, pois é uma opinião que a especialista defende e acredita, mesmo depois do momento de fala.

Já em *Poder*, seção composta por textos que abordam a política, o uso mais recorrente é a transmissão da fala de políticos ou de pessoas relacionadas à política. Essas falas são mostradas muitas vezes como pontuais, como na ocorrência (102); não se trata de verdades absolutas ou de informações que são entendidas como permanentes, mas, na maioria dos casos, a reportatividade marca o que a fonte disse em um momento determinado do passado, por uma razão específica:

(102) Ao sair, escoltado, o corretor foi abordado por jornalistas que perguntaram se ainda tem o que entregar aos procuradores envolvendo o presidente. "Ainda tem", **respondeu**, ao entrar no elevador do prédio da Justiça Federal. (FSP – *Poder*)

Nessa ocorrência, o “corretor”, fonte da informação citada, faz uma afirmação que não tem valor duradouro, como o da ocorrência (101) de *Equilíbrio e Saúde*; aqui, a fala dessa fonte é marcada como pontual no passado.

A baixa incidência de pretérito imperfeito em *Poder e Equilíbrio e Saúde* pode ser explicada pelo fato de essas seções terem como objetivo transmitir um conhecimento, uma informação, função pouco relacionada com o tempo pretérito imperfeito, que indica uma ação durativa ou repetida que ocorria no passado. Em *Poder*, a fala de um político se torna relevante para a produção de uma notícia quando ele diz pontualmente algo diferente e/ou inesperado; dificilmente uma fala repetida se tornaria notícia, o que explica o baixo número de ocorrência desse tempo verbal. Em *Equilíbrio e Saúde*, as matérias são escritas principalmente sobre novas técnicas de terapias e cuidados pessoais e com o meio ambiente; portanto o uso de um tempo verbal que marca um discurso como recorrente não se faz pertinente. Já em *Colunas*, em virtude da maior flexibilidade que o colunista tem para escrever, o uso do pretérito imperfeito, ainda que em baixo número, é mais recorrente, já que nessa seção o autor do texto não precisa se comprometer tanto com a transmissão de uma informação como nas demais seções, cabendo até mesmo uma fala menos formal, em razão do menor comprometimento com o objetivo de transmitir informação, como se vê na ocorrência (103):

(103) Quando navegava na própria arrogância, Eike **dizia que** emprestava seu avião a Cabral e ninguém tinha nada a ver com isso. (FSP – *Colunas*)

Quanto ao pretérito mais que perfeito, o número de ocorrências no *cópus* completo foi pouco significativo, usado apenas em contextos prototípicos desse tempo verbal, em que se deseja marcar um passado anterior a outro passado, como em (104):

(104) Um dia antes, Zé Celso **afirmara** à coluna que o apresentador tinha oferecido a ele uma "espécie de propina" para desistir da disputa. (FSP – *Colunas*)

Ao procurar identificar um padrão de uso dos tempos verbais entre os evidenciais, identificamos que a preferência pelo presente é uma característica do discurso jornalístico, principalmente na seção *Equilíbrio e Saúde*, que tem como função a divulgação científica e apresenta informações entendidas como durativas e/ou permanentes. Uma pesquisa simples com o verbo “dizer” conjugado na terceira pessoa no presente e no pretérito perfeito do modo indicativo no *Cópus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>) constatou mais do que o dobro de

ocorrências no pretérito perfeito, totalizando 29027 ocorrências com pretérito perfeito e 10806 ocorrências com o presente. Esse corpus é composto por diferentes gêneros de textos: falado, fictício, jornalístico e acadêmico, o que indica que embora esses dados confirmem o uso abundante de presente e de pretérito perfeito com reportativos e citativos, observa-se que a predominância do tempo presente não é um padrão dos evidenciais, mas, sim, do uso dos evidenciais no discurso jornalístico especificamente, em que o presente é utilizado para apontar verdades durativas e para aproximar o falante do ouvinte.

Os tempos dos verbos evidenciais também foram relacionados com o tempo dos verbos das orações relatadas. Como em alguns casos havia muitas orações em um mesmo conteúdo relatado, limitamo-nos a analisar os verbos da primeira oração principal de cada ocorrência.

Assim como o tempo mais utilizado no verbo evidencial foi o presente, as orações relatadas também apresentaram essa preferência, o que era esperado por conta da coerência temporal. Entretanto, os tempos utilizados nas orações reportadas e citadas apresentaram uma variação maior do que a dos verbos reportativos e citativos, uma vez que um enunciado relatado pode aparecer em qualquer tempo e modo verbal, podendo inclusive ser uma previsão sobre o futuro, diferentemente do verbo reportativo/citativo que só pode ser usado no presente ou no passado. A Tabela 15 apresenta a relação do tipo de evidencial com o tempo da oração relatada:

Tabela 12 – Tempo oração encaixada

TEMPO	PRESE NTE	PRET. PERF.	PRET. IMPERF.	PRET. + Q PERF.	FUTURO	FUT. PRET.	TOTAL
EVIDENCIAL							
REPORTA-TIVO	186 57,41%	71 21,91%	26 8,02%	4 1,23%	15 4,63%	22 6,8%	324 100%
CITAÇÃO	145 71,78%	39 9,31%	6 2,97%	0 0%	11 5,45%	1 0,49%	202 100%
TOTAL	331 62,93%	110 20,91%	32 6,08%	4 0,76%	26 4,94%	23 4,37%	526 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Os evidenciais reportativos tiveram uma maior variação de tempo nas orações encaixadas em relação aos citativos, justamente pela flexibilidade de adaptação que esse

tipo de evidencial possui, que pode ser vista nas ocorrências de (105) a (110) com cada tempo verbal.

- (105) A estimativa é que 15% dos pacientes recuperam até metade do peso perdido, **segundo Caetano Marchesini, da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica**. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (106) Barbosa **afirma que** a agência não recebeu pedidos de importação desses inibidores até agora. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (107) A operação desmantelou suposto esquema da cúpula do transporte coletivo que, **segundo investigações**, pagava propina em troca de vantagens junto ao governo fluminense, à época do governo de Sérgio Cabral (PMDB). (FSP – *Poder*)
- (108) Estudos anteriores já **havam sugerido que** as pessoas com doença periodontal eram mais propensas a desenvolver certos tipos de câncer. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (109) Em vez disso, **afirma**, incluirá na peça uma referência à oferta de Silvio. (FSP – *Colunas*)
- (110) Questionado sobre o conteúdo, Funaro **disse que** não poderia comentar. (FSP – *Poder*)

Já o citativo foi usado predominantemente com o verbo no presente, com o valor de presente durativo, como em (111). Embora o citativo possa ocorrer com qualquer tempo verbal, no corpus analisado, encontramos uma predominância do presente do indicativo.

- (111) "Sem dúvida operar **é** mais eficaz que muitos tratamentos clínicos. Mas, se não está bem preparado, os pacientes reganham peso. Onde está a maior demanda também aparecem as maiores complicações", **diz Cláudia Cozer, do Hospital Sírio-Libanês**. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Mesmo que em baixo número no corpus, é importante ressaltar o uso do futuro do pretérito em conjunto com o reportativo. O futuro do pretérito, além de seu uso padrão, indicando uma ação que teria acontecido no futuro de um passado mencionado, é usado para aumentar o distanciamento do falante da fala da fonte, como em (112) e (113), intensificando o valor da reportatividade, e esclarecendo que o falante não confirma que aquela informação é verdadeira, apenas que foi dita por uma fonte X.

- (112) No mesmo período, Onofre, então presidente do Detro, teria recebido R\$ 43,4 milhões, **segundo investigações**. (FSP – *Poder*)
- (113) A reportagem ligou para 17 farmácias de diferentes cidades para saber se havia previsão de manipulação dessas substâncias. Duas delas **afirmaram que** já tinham anfepramona, que teria sido comprado da distribuidora Purifarma. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Na tabela a seguir, vemos a diferença desses usos por seção:

Tabela 13 – Tempo da oração reportada por seção

TEMPO SEÇÃO	Presente	Pret. perfeito	Pret. Imp.	Pret. m. que perf.	Futuro	Futuro do pretérito	TOTAL
PODER	120 58,25%	37 19,42%	14 6,80%	2 0,97%	12 8,74%	14 6,80%	208 100%
EQ. E SAÚDE	155 74,51%	34 16,35%	11 5,29%	1 0,48%	3 1,44%	4 1,923%	208 100%
COLUNAS	56 50%	36 32,14%	7 6,25%	1 0,89%	3 2,68%	5 4,46%	108 100%
TOTAL	331 62,93%	110 20,91%	32 6,08%	4 0,76%	24 4,56%	23 4,37%	524 100%

Fonte: Elaboradora pela autora

A variação nos tempos verbais reflete a flexibilidade dos textos de cada seção. *Colunas* foi a seção que menos utilizou o presente, sendo o lugar onde o falante tem mais liberdade para escrever, em seguida, *Poder*, que, por causa do grande uso de reportativo, também confere uma maior flexibilidade aos usos na seção, aparecendo casos em diferentes tempos verbais. Já *Equilíbrio e Saúde*, a seção com um perfil de texto mais uniforme busca um caráter mais próximo do científico e uma asserção de verdade, recorrendo mais ao citativo e ao tempo presente, como visto na ocorrência (111) acima.

Relacionamos o tempo do verbo evidencial com o tempo do primeiro verbo da oração reportada, como pode ser visto na Tabela 17.

Tabela 14 – Relação do tempo do evidencial com os tempos dos verbos reportados

TEMPO ORAÇÃO TEMPO DO EVIDENCIAL	PRES.	PRET. PERF.	PRET. IMPERF.	PRET. + Q PERF.	FUT.	FUT. DO PRET.	TOTAL
PRESENTE	176 67,43%	56 21,46%	11 4,21%	0 0%	14 5,36%	4 1,53%	261 100%
PRETÉRITO PERFEITO	86 56,58%	37 24,34%	9 5,92%	3 1,97%	7 4,61%	10 6,58%	152 100%
PRETÉRITO IMPERFEITO	2 40%	1 20%	2 40%	0 0%	0 0%	0 0%	5 100%
PRET. + QUE PERFEITO	0 0%	0 0%	1 50%	1 50%	0 0%	0 0%	2 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Ao relacionar o tempo do verbo evidencial com o tempo do verbo da oração relatada temos que com evidenciais no presente, 67,43% das orações relatadas também

foram usadas no presente, (114). Assim como nos verbos evidenciais, a oração relatada no presente pode marcar uma ideia durativa ou uma verdade permanente e, por isso, foi utilizada em maior recorrência com o reportativo e o citativo nesse tempo. Esse padrão também foi observado ao olhar para o *cópus* do português.

- (114) Os primos querem que o ato de adoção seja anulado. E **dizem que** a mãe não pode figurar na causa por não ter direito à herança. (FSP – *Colunas*)

O número de verbos evidenciais no presente relacionado a verbos reportados e citados nos demais tempos foi baixo. Aproximadamente 21,46% dos evidenciais no presente foram usados com orações no pretérito perfeito (115), e ocorreram apenas casos pontuais com pretérito imperfeito (116), futuro (117) e futuro do pretérito (118).

- (115) A defesa de Temer **destaca** que o procurador não cumpriu quarentena –período de três meses depois de sair do serviço público– antes de atuar no setor privado. (FSP – *Poder*)

- (116) Em nota, tanto Saud quanto Joesley reafirmaram que trataram de propina no jantar, mas **destacam** que as mulheres não estavam presentes no momento em que o assunto foi citado. (FSP – *Poder*)

- (117) O advogado de Fábio Faria, José Luís de Oliveira Lima, nega que o cliente tenha se beneficiado de repasses ilícitos e **afirma** que usará o áudio de Ticiane para entrar com um pedido no STF (Supremo Tribunal Federal) de anulação da delação de Saud. (FSP – *Poder*)

- (118) O ideal, **dizem** Descalzo e seu colega endocrinologista Bruno Halpern, vice-presidente da Federação Latino-Americana de Obesidade, seria que todos os remédios, inclusive os inibidores recém-liberados por lei, tivessem um período de um ano ou mais de estudos, com milhares de pacientes, mas o problema é que ninguém quer investir milhões de reais em pesquisas. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Já o verbo evidencial no pretérito perfeito apresentou uma relação maior com outros tempos verbais, como visto na tabela acima. O reportativo no pretérito perfeito ocorre com o presente (119), pretérito perfeito (120), pretérito imperfeito (121), pretérito mais que perfeito (122), futuro (123) e futuro do pretérito (124). A relação do pretérito perfeito com um maior número de tempos verbais pode ser explicada pelo fato de um enunciado marcado como pontual no passado não se restringir a um tempo específico, podendo esse enunciado ter sido proferido em todos os tempos verbais.

- (119) Agora, uma pesquisa recente da Nova Zelândia **sugeri**u que não é necessário realizar a escrita antes de você se machucar. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

- (120) "Quando meu marido me inscreveu para jogar, eu disse: você é louco, eu sofro da coluna. Mas na quadra eu não sinto dor nenhuma. Me sinto uma menina de 35 anos", **disse** à BBC Brasil Dalva Assunção, de 69 anos. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

- (121) "Eu queria algo novo, diferente", **disse** Neymar. (FSP – *Colunas*)
- (122) O pesquisador então passou seis meses monitorando a frequência com que os estudantes iam ao médico. No dia em que viu os resultados, ele saiu do laboratório, encontrou um amigo que o esperava no carro e lhe **disse** que havia descoberto algo grande. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (123) Para assegurar a filiação da dupla, o PMDB **prometeu** que um deles poderá se candidatar ao governo de Pernambuco em 2018 pelo partido. (FSP – *Poder*)
- (124) Questionado sobre o conteúdo, Funaro **disse** que não poderia comentar. (FSP – *Poder*)

As 5 ocorrências de evidencial no pretérito imperfeito com um verbo conjugado no conteúdo reportado apresentaram relação com o presente (125), com o pretérito imperfeito (126) e com o pretérito perfeito (127). Devido ao baixo número, não afirmamos a indicação de um padrão. Como mencionado, o pretérito imperfeito não é um tempo comum para marcar reportatividade e citação nesse tipo de texto, não podendo ser caracterizado como regular.

- (125) Muitos **diziam**: é fácil emagrecer assim. Mas não é. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (126) Quando navegava na própria arrogância, Eike **dizia** que emprestava seu avião a Cabral e ninguém tinha nada a ver com isso. (FSP – *Colunas*)
- (127) As pessoas **falavam** "fui demitida justo quando comprei a casa" ou "ele me largou na missa de sétimo dia do meu pai" e eu pensava "nada pode ser pior do que não cagar, troca comigo de problema". (FSP – *Colunas*)

O pretérito mais que perfeito, por sua vez, também apareceu em baixo número, estando relacionado apenas, em um caso, ao pretérito imperfeito (128) e, em um caso, ao pretérito mais que perfeito (129).

- (128) Estudos anteriores já **havam sugerido** que as pessoas com doença periodontal eram mais propensas a desenvolver certos tipos de câncer. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (129) Um dia antes, Zé Celso **afirmara** à coluna que o apresentador tinha oferecido a ele uma "espécie de propina" para desistir da disputa. (FSP – *Colunas*)

Ao observar o modo utilizado nesses verbos, verificamos a preferência pelo indicativo em todos os tempos encontrados, modo esse que expressa uma assertividade maior do que o subjuntivo. Encontramos apenas doze casos de subjuntivo no corpus, como na ocorrência (130), em que a estrutura condicional exige o uso do modo subjuntivo, e apenas 21 ocorrências com imperativo, como em (131).

- (130) Ele se apressa e responde: "Se for assim, só vai ter rico e coronel no Congresso". (FSP – *Colunas*)

- (131) Em zigue-zague, um camburão impedia que os motoristas ultrapassassem o comboio, enquanto um policial gritava "saia da célula". (FSP – *Poder*)

As formas nominais também foram pouco utilizadas; identificamos apenas 7 casos de gerúndio (132) e 23 de infinitivo (133):

- (132) "Começando pelas escolas. É fundamental melhorar a oferta de frutas e hortaliças e restringir a venda de refrigerantes e salgadinhos de pacote", diz ela, para quem as medidas também podem ser aplicadas por empresas e instituições –o próprio Ministério da Saúde adotou a iniciativa em seus refeitórios. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)
- (133) Doria, por exemplo, já defendeu mudanças no sistema previdenciário. Em abril, disse à revista "Época" ser contra descriminalizar a interrupção da gravidez, fora "casos de mulheres estupradas", exceção já contemplada pela lei. (FSP – *Poder*)

A seguir passamos para a análise morfossintática das ocorrências.

5.2.3 Critérios morfossintáticos

Após analisar as características essencialmente pragmáticas e semânticas dos usos reportativos e citativos no corpus, passamos para as características morfossintáticas. Buscamos aqui verificar se as diferenças entre os dois subtipos evidenciais são marcadas morfossintaticamente. O primeiro critério morfossintático aponta como o evidencial é expresso na língua portuguesa, por meio de verbos ou de conectivos, que podem ser locuções prepositivas, conjunções ou sintagmas nominais preposicionados.

Tabela 15 – Forma de expressão de cada evidencial

FORMA DE EXPRESSÃO	VERBO	CONECTIVO	TOTAL
EVIDENCIAL			
REPORTATIVO	260 – 73,65%	93 – 26,35%	353 – 100%
CITATIVO	219 – 98,21%	4 – 1,79%	223 – 100%
TOTAL	479 – 83,16%	97 – 16,84%	576 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Como mencionado, o uso do verbo para marcar a evidencialidade é predominante nas línguas que marcam a categoria lexicalmente, característica que comprovamos aqui no português. Podemos notar, a partir da Tabela 15 acima, que o conectivo é raramente utilizado com o evidencial citativo. Embora ambos sejam mais usados com verbos, o reportativo demonstra mais flexibilidade nas formas de expressão, enquanto o citativo

fica mais limitado à expressão por verbo, isso porque o verbo de elocução delimita mais claramente onde termina a autoria do falante e onde começa a da fonte, como em (134):

- (134) “Cada um tem direito de fazer sua opção da forma que achar conveniente. Mas transformar isso em política na sala de aula... Sou contra”, **afirmou** o tucano. (FSP – *Poder*)

Em relação ao conectivo, um dado interessante é a sua especificidade para introduzir conteúdo reportado, como se vê em (135) abaixo:

- (135) **Segundo Janot**, o ministro esteve na cerimônia como padrinho da noiva, Beatriz Barata. (FSP – *Poder*)

O fato de, semanticamente, os conectivos analisados (de acordo com, conforme, segundo fulano) já trazerem a informação de que o conteúdo reportado está “adequado” (“conforme”) o conteúdo veiculado originalmente pela fonte libera o falante para fazer as adaptações necessárias e permitidas pelo evidencial reportativo e bloqueadas pelo evidencial citativo. Observa-se que, embora tenha ocorrido com baixa frequência no corpus, o uso de citação direta introduzida por conectivos é possível, como mostram os seguintes casos:

- (136) **Segundo ele**, “as alegações exteriorizadas pela defesa não permitem a conclusão da existência de relação de inimizade capital entre o Presidente da República e o Procurador-Geral da República, tampouco que o chefe do Ministério Público da União tenha aconselhado qualquer das partes”. (FSP – *Poder*)
- (137) **Para Twenge**, “não gostam de fazer coisas nas quais não se sintam seguras, o que fazem é adiar os prazeres e as responsabilidades”. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

A frequência de uso de conectivos, minoritária em relação aos verbos evidenciais, foi semelhante nas três seções, correspondendo a cerca de 20% das ocorrências totais de cada seção. As ocorrências abaixo ilustram esse uso:

- (138) O senador Fernando Bezerra Coelho e o ministro Fernando Bezerra Coelho Filho (Minas e Energia), ambos da ala governista do PSB, vão se filiar ao PMDB, **segundo o presidente nacional da legenda, Romero Jucá**. (FSP – *Poder*)
- (139) A maior parte dos procedimentos acontece entre usuários da rede privada e de planos de saúde. No SUS, o avanço é semelhante (35%), mas a escala é menor: de 6.020 em 2012 para 8.157 em 2016, **segundo o Ministério da Saúde**. (FSP – *Equilíbrio e saúde*)

- (140) A possibilidade de começar a cumprir a pena, **segundo amigos do casal**, levou Santana a fazer um check-up. (FSP – *Colunas*)

Em qualquer uma dessas seções, o uso dessas estruturas evidenciais permite não só que o falante indique quem é a fonte da informação veiculada, mas que ele também se descomprometa com o que foi dito.

De acordo com Guardamagna (2017), que analisa a expressão “*secundum NP*” (segundo SN) do latim, esse tipo de uso pode marcar ainda, além da indicação da fonte e de um maior distanciamento do falante, a opinião da fonte, como as expressões “X acredita que” e “aos seus olhos”. Nos corpú foram encontrados como conectivos as expressões: ‘como falou x’, ‘em discurso de x’, ‘para x’, ‘de acordo com x’, etc.

Na sequência, identificamos a posição que esses itens evidenciais, verbo ou conectivo, aparecem em relação ao conteúdo relatado. A tabela a seguir mostra a relação desses itens evidenciais com cada posição.

Tabela 16 – Posição do verbo e do conectivo evidencial

POSICÃO FORMA DE EXPRESSÃO	ANTES	DEPOIS	MEIO	TOTAL
VERBO	269 – 56,16%	195 – 40,71%	15 – 3,13%	479 – 100%
CONECTIVO	74 – 76,29%	17 – 17,52%	6 – 6,19%	97 – 100%
TOTAL	343 – 59,55%	212 – 36,80%	21 – 3,65%	576 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Os verbos evidenciais apareceram com elevada frequência nas posições antes e depois dos conteúdos reportados e citados, os conectivos, no entanto, apareceram majoritariamente em posição anterior ao conteúdo, porque muitas vezes o falante utiliza o conectivo justamente para iniciar o período com a fala de terceiros, como em (141)

- (141) **Para Pedro Estevam Serrano**, professor da PUC-SP, as notícias até agora sobre o caso de Gilmar não mostram “nada que pareça ir além de uma relação superficial”. (FSP – *Poder*)

Esse uso no começo de um período não é tão comum com verbos, que tendem a ser usados após a introdução de um contexto, como em (142):

- (142) Como a Corte Interamericana de Direitos Humanos não permite esse procedimento, o professor **acredita** que ele passará a ser vetado pela Justiça brasileira. (FSP – *Poder*)

Além disso, ao utilizar o verbo como evidencial, o jornalista necessita marcar o sujeito dessa oração, que, como foi visto, é determinado e explícito na maioria dos casos. Como o verbo já não possui a característica de iniciar a oração, sua mobilidade é mais frequente, podendo ser encontrado até mesmo no meio do conteúdo reportado, como na ocorrência (143):

- (143) Outra razão para levantar do sofá e se mexer, **diz** Pedro Hallal, é que é melhor para a saúde ser “fat and fit”, gordo e ativo, do que só gordo (e, de repente, até mais saudável do que algumas pessoas magras e sedentárias). (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Verificamos então a preferência pela posição inicial quando o item evidencial é expresso por um conectivo. Analisamos em seguida se há preferência na posição entre os subtipos evidenciais:

Tabela 17 – Posição de cada tipo evidencial

POSIÇÃO	ANTES	DEPOIS	MEIO	TOTAL
EVIDENCIAL				
REPORTATIVO	295 – 83,57%	38 – 10,76 %	20 – 5,7%	353 – 100%
CITATIVO	48 – 21,524%	174 – 78,03%	1 – 0,45%	223 – 100%
TOTAL	343 – 59,55%	212 - 36,8%	21 – 3,65%	576 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se um padrão no comportamento de cada evidencial, em relação a sua posição. Os reportativos aparecem predominantemente antes do conteúdo reportado, em 83,57% dos casos, introduzindo esse conteúdo, como em (144):

- (144) Ele **afirma que** os dois bateram o martelo sobre a troca de partido nos últimos dias e já informaram a decisão ao presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ). (FSP – *Poder*)

Já os citativos apareceram de forma prevalente após o conteúdo citado. Isso porque, na escrita, os citativos marcam a citação geralmente com o uso de aspas, sendo assim, as aspas já são uma indicação na escrita de que aquele conteúdo foi proferido por outro falante, não havendo a necessidade de ser introduzido por um verbo ou conectivo que indique isso. Além disso, ao final, o falante consegue oferecer uma identificação mais extensa da fonte sem perder a coerência do seu texto, como em (145):

- (145) “Temos esse resultado muito bem documentado na área de tabaco”, diz Paula Johns, diretora-executiva da ACT Promoção da Saúde, uma das entidades que buscam a aprovação da medida, que também tem apoio do Inca (Instituto Nacional de Câncer). (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Em sua grande maioria, os casos em que o reportativo é encontrado no meio do conteúdo relatado foram casos em que esse conteúdo era composto por mais de uma oração, estando o evidencial entre essas orações, como na ocorrência (146).

- (146) O especialista explica que a dieta cetogênica inclui o consumo de muitas carnes (entre elas, processadas), ovos, salsichas, queijos, pescado, nozes, manteiga, azeite, sementes e verduras fibrosas. Como a dieta é muito restritiva, diz o médico, é muito difícil segui-la no longo prazo. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Também encontramos, porém, casos em que o evidencial aparece entre elementos da oração. Nesses casos, o falante já havia introduzido sua fonte previamente e já havia reportado ou citado enunciados dessa fonte, fazendo uso do reportativo no meio da oração como uma forma de reafirmar que aquele enunciado não é de sua própria autoria, como mostra o recorte da matéria na ocorrência (147):

- (147) Mas por quanto tempo isso é necessário? “Vamos ser defensivos: vitamina para o resto da vida”, diz **Ricardo Cohen**, do Hospital Oswaldo Cruz. A vantagem, afirma, é que ao diminuir o excesso de peso, diminui o risco de problemas mais graves associadas à obesidade -como diabetes e hipertensão. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

Nessa ocorrência, pouco antes do jornalista utilizar o reportativo no meio do conteúdo reportado, ele havia citado uma fala dessa mesma fonte, “Ricardo Cohen”, sendo assim, ele, na sequência, opta por não prosseguir citando a fonte, mas, para esclarecer que aquele conteúdo não é de sua autoria, utiliza apenas o verbo “afirma” no meio da oração, para marcar a reportatividade.

Esse uso se mostrou incomum com a citação, devido à forma mais fixa do citativo, que ocorre por meio do discurso direto. Em (148), temos a única ocorrência do cópula em que o falante optou por fazer uma quebra nessa transcrição para inserir o verbo citativo; entendemos que se trata apenas de uma escolha estilística, mas, assim como acontece com o reportativo, nesse exemplo, a fonte já havia sido citada previamente.

- (148) “No caso de suspeição”, **segue** Torres, “o que prevalece é a questão do foro íntimo”, já que o julgador é quem precisa declinar do caso. “É comum chamar autoridades para casamentos. Como você vai medir os conceitos de amigo ou de inimigo?” (FSP – *Poder*)

A maior proporção dos conteúdos relatados foi expressa por meio de uma ou mais orações, como em (149), com exceção de 18 ocorrências, em que a informação foi

relatada por meio de um SN, como em (150). Dessas 18 ocorrências, apenas 2 foram utilizadas com evidencial reportativo, as 16 demais foram empregadas com evidencial citativo, mas, por ter sido um baixo número total de ocorrências, não podemos afirmar que se refere a um padrão desses subtipos evidenciais.

(149) Em entrevista à Folha Janot **afirmou que** estão em curso duas investigações, por obstrução de Justiça e organização criminosa. (FSP – Poder)

(150) Corre nas trincheiras digitais pró-Bolsonaro um texto em que o prefeito **é descrito** como “social-democrata (esquerda)”. (FSP – Poder)

Nos casos em que o conteúdo relatado foi expresso por meio de oração, houve variação entre uma ou mais orações sob escopo do mesmo evidencial. Por essa razão, identificamos os casos em que foram encontradas uma (151) ou mais orações, como exposto na tabela a seguir. Dentre os casos de múltiplas orações consideramos: orações subordinadas (152), coordenadas (153) e ocorrências com mais de um período (154).

Tabela 18 – Quantidade de orações relatadas

QUANTIDADE ORAÇÕES	ÚNICA	MÚTIPLAS	TOTAL
EVIDENCIAL			
REPORTATIVO	173 – 49,28%	178 – 50,72%	351 – 100%
CITATIVO	39 – 18,8%	168 – 81,2%	207 – 100%
TOTAL	212 – 38%	346 – 62%	558 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

(151) A gestão municipal afirma que o repasse não tem relação com o pedido de abertura de CPI. (FSP – Poder)

(152) Zé Celso diz ainda que Silvio chegou a sugerir que ele usasse o montante para divulgar a peça “O Rei da Vela”, obra histórica do Oficina que será remontada. (FSP – Colunas)

(153) Ainda de acordo com a secretaria, o valor não será repassado em sua totalidade, mas dividido em cinco vezes de R\$ 1,34 milhão. (FSP – Poder)

(154) “Eu quero ficar com meu filho. Não ia 83eixa-lo com uma babá e passar uma tarde de madame. Eu tive um bebê para cuidar dele”, afirma a florista Marina Gurgel, 31, mãe de Benjamin, 9 meses. (FSP – Equilíbrio e Saúde)

Com a reportatividade, podemos observar números semelhantes entre os casos de uma única oração e múltiplas orações. Não foram encontrados tantos casos de múltiplos períodos com reportativos, a maioria das ocorrências de múltiplas orações foram compostas por período único formado por subordinações e coordenações, como nas ocorrências (152) e (153) acima. Já o elevado número de múltiplas orações com o citativo deve-se ao fato de que, quando o discurso indireto, característico da reportatividade, é usado, o falante tende a resumir a informação, utilizando apenas um período, mas, quando tem a intenção de dar ênfase ou detalhar mais a informação, recorre ao discurso direto, citação, fazendo com que a maioria seja composta por múltiplos períodos (154), com presença ou não de subordinação e coordenação.

Dentre as múltiplas orações que foram encontradas, é importante destacar as coordenadas adversativas. As orações coordenadas adversativas, quando usadas com a reportatividade, podem causar certa ambiguidade, porque, em alguns casos, a adversativa se refere à fala da fonte, (155), e, em outros, à do falante, (156). Como as duas opções são possíveis, alguns casos ficam ambíguos e não fica clara a autoria da oposição ou contraste expresso pela oração adversativa, como em (157).

(155) Para Paula Johns, da ACT, outras medidas como incentivo a educação alimentar e atividades físicas também são importantes, mas não suficientes. (FSP – *Equilíbrio e Saúde*)

(156) Sabe-se que a dinastia comunista dos Kim tem um parafuso solto, mas vale a pena olhar para o lado dos EUA, sobretudo numa hora em que o país é governado por Trump. (FSP – *Colunas*)

(157) Segundo Maia, a ideia inicial seria que o fundo partidário fosse transitório, com o valor sendo reduzido progressivamente, mas houve mudanças de última hora no texto que fixou o montante de forma permanente. (FSP – *Poder*)

As orações com verbo evidencial no presente e no pretérito perfeito, que ocorreram em maior número, também apresentaram uma regularidade no que diz respeito ao número de orações encaixadas, preferencialmente múltiplas, o que contrasta com os demais tempos, que, mesmo em baixa quantidade, apareceram com uso equilibrado de orações múltiplas e únicas, como pode ser visto na tabela a seguir.

Tabela 19 – Tempo do evidencial e número de orações reportadas

ORAÇÕES TEMPO	MÚLTIPLAS	ÚNICA	TOTAL
PRESENTE	178 – 64,96%	96 – 35,04%	274 – 100%
PRET. PERF.	110 – 65,87%	57 – 34,13%	167 – 100%
PRET. IMP.	3 – 42,86%	4 – 57,24%	7 – 100%
PRET. + Q PERF.	1 – 50%	1 – 50%	2 – 100%
TOTAL	292 – 64,89%	158 – 35,11%	450 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Quando olhamos para o tempo verbal da primeira oração do conteúdo reportado temos a seguinte distribuição:

Tabela 20 – Tempo da primeira oração do conteúdo reportado e número de orações relatadas

ORAÇÕES TEMPO RELATADA	MÚLTIPLAS	ÚNICA	TOTAL
PRESENTE	229 – 69,18%	102 – 30,82%	331 – 100%
PRET. PERF.	64 – 58,18%	46 – 41,82%	110 – 100%
PRET. IMP.	14 – 43,75%	18 – 56,25%	32 – 100%
PRET. + Q PERF.	1 – 25%	3 – 75%	4 – 100%
FUTURO	17 – 65,38%	9 – 34,62%	26 – 100%
FUTURO DO PRET.	8 – 34,78%	15 – 65,22%	23 – 100%
TOTAL	333 – 63,31%	193 – 36,69%	526 – 100%

Fonte: Elaborado pela autora

Assim como ocorreu com os verbos evidenciais, o presente e o pretérito perfeito foram os tempos que tiveram predominância de múltiplas orações no mesmo conteúdo relatado. Esse padrão comprova a relação que o verbo evidencial tem com o verbo da oração encaixada. Os exemplos a seguir mostram esses usos de verbo evidencial e relatado no presente com múltiplas orações no conteúdo relatado (158), e verbo evidencial e relatado no pretérito perfeito com múltiplas orações no conteúdo relatado (159):

- (158) A assessoria de Silvio Santos **diz** que “desconhece qualquer tipo de conversa entre os dois a não ser de quinta (17) [com Eduardo Suplicy e João Doria]” e que o apresentador “não se pronuncia, não dá entrevistas e não dá depoimentos”. (FSP – *Colunas*)

- (159) O cretino sempre **sustentou** que Temer só mentiu numa ocasião, quando conversou com o beato Joesley Batista no Jaburu. (FSP – *Colunas*)

As múltiplas orações também tiveram predominância quando o primeiro verbo relatado estava no futuro. Nesse caso, o verbo relatado não aparece no mesmo tempo do verbo evidencial devido à impossibilidade do verbo evidencial ser usado no futuro. Foi comum, entretanto, o uso desses verbos no futuro com item evidencial sendo expresso por um conectivo, como em (160):

- (160) Ainda **de acordo com a secretaria**, o valor não será repassado em sua totalidade, mas dividido em cinco vezes de R\$ 1,34 milhão. (FSP – *Poder*)

Os demais tempos verbais encontrados nos conteúdos reportados e citados apareceram principalmente dentro de oração única, como em (161), com pretérito imperfeito, (162) com pretérito mais que perfeito, e (163) com futuro do pretérito.

- (161) **Segundo ele**, os pagamentos ilícitos estavam ligados às campanhas de 2014. (FSP – *Poder*)

- (162) Ao final do vídeo, Doria **disse que** no setor privado “tinha aprendido a fazer do limão uma limonada”. (FSP – *Poder*)

- (163) Zé Celso **diz que** a obra “encaixotaria” o edifício do Oficina, projetado por Lina Bo Bardi e tombado desde 2010. (FSP – *Colunas*)

Esses comportamentos identificados ao longo da análise permitem comprovar que há distinção entre os dois subtipos evidenciais na língua portuguesa, assim como ocorre nas línguas que marcam a categoria gramaticalmente. Embora a reportatividade e a citação partilhem características comuns, que decorrem da função interpessoal que exercem, os dois subtipos se diferenciam, como evidencia a GDF, na camada em que ocorrem, além de apresentarem diferenças pragmáticas, semânticas e morfossintáticas, como o tipo de discurso utilizado com cada um: discurso direto, indireto ou misto, o tempo e a posição do evidencial etc. Além disso, pudemos verificar que as três seções do jornal analisadas utilizam o evidencial de forma distinta, gerando diferentes efeitos de sentido que serão comentados a seguir nas considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou os usos de evidenciais que marcam uma informação como proveniente de outro falante, buscando verificar se a distinção entre reportatividade e citação, atestada em línguas com expressão gramatical da evidencialidade, também se confirmava em português, língua com expressão majoritariamente lexical dessa categoria. A análise desses usos no discurso jornalístico, contexto em que a explicitação da fonte da informação é recorrente, levou a resultados bastante interessantes.

A reportatividade e a citação, ainda que compartilhem características comuns em virtude de sua mesma função interpessoal de relatar um conteúdo originalmente produzido por outro falante, apresentam padrões que tipificam cada subtipo.

A citação corresponde a um enunciado que simula a reprodução exata da fala proferida pela fonte, sem alterações dêiticas e/ou resumo da informação, e, no texto escrito, aparece majoritariamente entre aspas. Já a reportatividade expressa somente o conteúdo da informação emitida pela fonte, sem manutenção da fala original. Por meio da reportatividade, o falante adapta e resume a mensagem obtida por outro falante. Essa distinção é claramente demonstrada pelo tipo de unidade interpessoal sob escopo do evidencial descrita pela GDF, razão pela qual utilizamos esse modelo para identificar os dois subtipos evidenciais em análise nesta pesquisa.

Assumindo essas características identificadoras dos dois subtipos evidenciais, a análise procurou investigar se essas características pragmáticas corresponderiam a diferenças semânticas e morfossintáticas sistêmicas, que pudessem confirmar a tipificação. O tipo de discurso utilizado em cada evidencial pode ser apontado como a diferença sistêmica mais evidente: enquanto a citação é obrigatoriamente expressa por meio do discurso direto, a reportatividade pode ser expressa por discurso indireto e misto.

Ao observar os padrões semânticos, a reportatividade, expressa por uma estrutura menos fixa do que a citação, permite que o falante utilize um leque maior de escolhas semânticas do verbo evidencial. Embora os verbos elocutivos propriamente ditos, como o verbo *dizer*, tenham sido preferidos com os dois subtipos evidenciais, o falante, ao utilizar a reportatividade, recorre também a vários outros verbos que expressam sua concordância/discordância com o enunciado.

Além da variação semântica, diferenças morfossintáticas também apontam para padrões distintos entre os reportativos e os citativos. Em línguas com marcação lexical da evidencialidade, o verbo é a sua forma mais comum de expressão. No entanto, com a

reportatividade, identificamos ocorrências, ainda que em menor número, de conectivos como forma possível de expressão do item evidencial. Essa forma de expressão possibilita um afastamento ainda maior do falante com aquele conteúdo reportado.

Outra característica bastante interessante é a forma de expressão do conteúdo relatado. Ao analisar as orações relatadas, observa-se que a reportatividade é expressa majoritariamente por período único, com oração encaixada em predicado com verbo *dicendi*. Isso se deve ao fato de, muitas vezes, a escolha da reportatividade ser motivada pela possibilidade de se resumir o conteúdo transmitido, gerando um enunciado mais curto do que o encontrado com a citação. Nas citações, o número de múltiplas orações e múltiplos períodos no conteúdo relatado é sempre maior, pois, com esse evidencial, o jornalista expressa a totalidade da fala da fonte, especificando mais a informação transmitida.

A posição prototípica de cada evidencial em relação ao conteúdo relatado também é distinta. Na citação, o evidencial ocorre preferencialmente depois do conteúdo citado, pois, no texto escrito, as aspas já marcam o conteúdo como enunciado por outra fonte, não havendo necessidade do uso do item evidencial introduzindo a citação. Já com a reportatividade, o uso do evidencial não só é necessário como, de um modo geral, ocorre intercalado, no interior do conteúdo reportado, demonstrando a maior liberdade que o falante tem para estruturar o seu enunciado.

Depois de identificar os padrões de cada evidencial, verificamos o seu uso nas diferentes seções do jornal *Folha de São Paulo* (*Poder*, *Equilíbrio e Saúde* e *Colunas*), com o intuito de confirmar se as características formais identificadas seriam o reflexo de usos também específicos dos dois subtipos evidenciais. Ambos os subtipos são amplamente usados no discurso jornalístico, tanto para aumentar a credibilidade da informação transmitida como para aumentar o descomprometimento do falante com essa informação. Nessas funções, reportatividade e citação se diferem principalmente quanto ao efeito de sentido gerado em cada seção.

Essa variação aponta para a influência do gênero e do tema abordado na escolha dos evidenciais. O gênero notícia, encontrado em *Poder* e *Equilíbrio e Saúde*, ao ser contrastado com a seção *Colunas*, que não apresenta gênero fixo, possibilitou a identificação de padrões diversos. Em *Poder* e *Equilíbrio e Saúde*, as escolhas dos tempos verbais ficaram mais limitadas ao presente e ao pretérito perfeito do indicativo, enquanto em *Colunas*, por ser uma seção em que o colunista não precisa seguir as mesmas regras de publicação das outras seções quanto à forma e ao tema, foi observada uma variação

maior nas escolhas dos tempos verbais do verbo evidencial e do verbo da oração relatada. Além da influência do gênero, a análise mostrou que os diferentes focos temáticos propiciam usos diversos das categorias.

Há uma preferência pela reportatividade, nos diferentes contextos, em virtude da possibilidade de adaptar e resumir a fala da fonte, que garante maior fluidez ao texto. No entanto, o maior número de reportativos apareceu em *Poder*, seção que tem como foco temático a política. A reportatividade é preferida por permitir resumir a informação reportada, dando foco apenas para o que o falante julga ser mais importante. Nota-se esse resumo pelo fato de os conteúdos reportados serem expressos majoritariamente por um único período.

A citação, por sua vez, possui forma mais rígida e foi mais utilizada em *Equilíbrio e Saúde*, que tem como foco temático a saúde e o meio ambiente. Ainda que, em alguns casos, haja a adaptação do conteúdo citado, a citação segue regras estruturais e, muitas vezes, faz utilização de aspas que podem quebrar a fluidez do texto, o que justifica o menor uso nas demais seções. A citação, porém, empresta mais credibilidade ao texto e, por isso, é preferida em contextos mais próximos ao científico, como a seção *Equilíbrio e Saúde*. Com a citação, o falante aumenta seu descomprometimento com o conteúdo transmitido, isentando-se ainda mais de possíveis consequências geradas a partir daquela informação; também por essa razão, esse subtipo foi mais utilizado nessa seção.

A qualificação da fonte da informação, feita por meio da apresentação das credenciais daquela fonte, é um recurso bastante empregado para aumentar a confiabilidade daquele conteúdo, recurso utilizado principalmente na seção *Equilíbrio e Saúde*, por sua aproximação com o contexto científico.

Na seção *Colunas*, por sua vez, por ter caráter mais opinativo, e pela não existência de um foco temático predeterminado, encontramos o menor uso de reportativos e citativos, pois, em textos opinativos, a principal fonte de informação é o próprio falante. Em *Colunas*, além do uso dos evidenciais não ser primordial como nas demais seções, é possível a utilização da categoria sem a definição da fonte, diferentemente do que ocorre em *Poder* e *Equilíbrio e Saúde*, em que a definição da fonte é essencial para a validação da informação transmitida. É importante salientar, no entanto, que os casos de reportatividade e citação verificados nessa seção tinham, em sua maioria, o mesmo foco temático da seção *Poder*: política. Além disso, os raros casos de reportatividade e citação com uma fonte indefinida apareceram principalmente quando o tema da publicação não foi política.

Os resultados apontam a existência de diferenças sistêmicas na expressão lexical das subcategorias evidenciais de reportatividade e citação na língua portuguesa, comprovadas por meio de suas diferenças pragmáticas, semânticas e morfossintáticas, e pelos diferentes efeitos de sentido gerados nas diferentes publicações do jornal *Folha de São Paulo*.

REFERÊNCIAS

- AIKENVALD, A. Y. *Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- BARNES, J. Evidentials in the Tuyuca verb. *International Journal of American Linguistics*; v. 50, p. 255-271, 1984.
- BEDNAREK, M. Evaluation in the News: a methodological framework for analysing evaluative language in journalism. *Australian Journal of Communication*, v. 37, n. 2, p. 15-50, 2010.
- BELTRÃO, L. *A imprensa informativa*. São Paulo: Falco Masucci, 1969.
- BELTRÃO, L. *Jornalismo interpretativo*. Porto Alegre: Sulina/ARI, 1976.
- BELTRÃO, L. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina/ARI, 1980.
- BHATIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. New York: Longman, 1993.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal. In: KARWOSKI, A.M., GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 305-335, 2011.
- CHAFE, W.; NICHOLS, J. (Ed.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986.
- CHAPARRO, M. C. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Santarém-PT: Jortejo, 1998.
- CORNILLIE, B. *Evidentiality and epistemic modality in Spanish (semi-)auxiliaries: A cognitive-functional approach*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007.
- De HAAN, F. The category of evidentiality. Universidade do Novo México, 1998. (não publicado)
- De HAAN, F. Evidentiality and epistemic modality: setting boundaries. *Southwest Journal of Linguistics*, v. 18, n. 1, p. 83-101, 1999.
- DENDALE, P.; TASMOWSKI, L. *Journal of Pragmatics*, v. 33, 2001.
- FAUST, N.; LOSS, E. E. *Gramática del idioma Yaminahua*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1973.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996

FOSSEY, M. F. *A semântica global em duas revistas de Divulgação científica: Pesquisa Fapesp e Superinteressante*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GABAS JR, N. *A Grammar of Karo, Tupi (Brazil)*. 1999. Tese (PhD) - Universidade da California, Santa Barbara - CA.

GUARDAMAGNA, C. Reportative evidentiality, attribution and epistemic modality: A corpus-based diachronic study of Latin *secundum* NP ('according to NP'). *Language Sciences*, 59, p. 159-179, 2017.

HENGEVELD, K.; FISCHER, R. A'ingae (Cofán/Kofán) Operators. *Open Linguistics*. v. 4. p. 328-355, 2018.

HENGEVELD, K.; HATTNHER, M. M. D. A. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics*, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, L. Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. F. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. Tradução de Marize Mattos Dall'Aglío-Hattnher. São Paulo: Contexto, 2012, p. 43-85.

KAPP-BARBOZA, A. M. M. *Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro*. Orientador: Marize Mattos Dall'Aglío-Hattnher. 153 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2017.

KOEV, T. Quotational indefinites. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 35, p. 367-396, 2017.

KROON, C. *Discourse Particles in Latin* (Amsterdam Studies in Classical Philology 4). Amsterdam: Gieben, 1995.

LAGE, N. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1985.

LOURENÇO; F. P. C.; HIRATA-VALE, F. B. M. A expressão da evidencialidade no gênero jornalístico. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 65-77, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez. 2001.

MARTINEZ CARO, E. The verbal expression on belief and hearsay in English and Spanish: evidence from newspaper discourse. In: HORNERO, A. M.; LUZÓN, M. J.; MURILLO, S. (ed.) *Corpus linguistics: Applications for the Study of English*. Bern: Peter Lang, p. 159-175, 2006.

MARTINS, N. S. A. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

MELO, J. M. de. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLBERTZ, H. Dizque en el espanol andino ecuatoriano: conservador e innovador. In: OLBERTZ, H.; MUYSKEN, P. *Encuentros y conflictos: bilingüismo y contacto de lenguas*, Madrid/Frankfurt a. M.: Iberamericana/Vervuert, p. 77-94, 2005.

OLBERTZ, H. Dizque in Mexican Spanish: the subjectification of reportative meaning. *Rivista di linguistica*, v. 19, p. 151-172, 2007.

OSPINA-BOZZI, A. M. *Les structures élémentaires du Yuhup Maku: langue de l'Amazonie colombienne: Morphologie et syntaxe*. Paris: Université Paris 4. Dissertação, 2002

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge textbooks in linguistics, 1986.

PLUNGIAN, V. Types of verbal evidentiality marking: an overview. In: Gabriele Diewald & Elena Smirnova (ed.). *Linguistic realization of evidentiality in European languages*, 15–58. Berlin & New York: De Gruyter Mouton, 2010.

RENDÓN, J. G. Interpersonal Aspects of Evidentiality in Ecuadorian Quechua. Amsterdã: ACLC Working Papers 1. p. 37-50, 2006.

RUSKAN, A. Markers of evidentiality in Lithuanian newspaper discourse: a corpus-based study. In: ARRESE, J. I. M.; HABLER, G. CARRETERO, M. (Org.). *Evidentiality Revisited*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 271-295, 2017.

SQUARTINI, M. Lexical vs. Grammatical evidentiality in French and Italian. *Linguistics*, v. 46, n. 5, p. 917-947, 2008.

TEIXEIRA, M. L. S. *A indeterminação pragmática e semântica do sujeito*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – IBILCE, UNESP, São José do Rio Preto, 2014.

VENDRAME, V. *Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa*. Orientador: Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner. 176 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

VENDRAME-FERRARI, V. Orações complexas com verbos de percepção como forma de expressão da evidencialidade. *Estudos Linguísticos*, v. 41, n. 1, p. 101-115, 2012.

VIDAL; R. P.; PRATA, N. P. P.; SILVA, I. L. L. A evidencialidade em colunas jornalísticas escritas em espanhol. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, v. 7, n. 2, p. 354-376, 2018.

WILLET, T. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. *Studies in Language*, v. 12, 1, p. 51-97, 1988.